

la fundación

Revista da Fundación MAPFRE#40 | setembro 2017
www.fundacionmapfre.org

**PRÊMIOS SOCIAIS
2016**

Arte

Nicholas Nixon

**Zuloaga na Paris
da Belle Époque,
1889-1914**

**O inferno
segundo Rodin**

Saúde

**COMO PREVENIR
E DETECTAR UM DERRAME**

Segurança viária

**VOCÊ CONHECE A CAMPANHA
SLOW DOWN?**

Fundación MAPFRE Guanarteme
**FORMAÇÃO EM BIG DATA
E ANIMAÇÃO EM GRAN CANARIA**

Seguros

A APÓLICE DO TITANIC

VISITA NUESTRAS EXPOSICIONES VISIT OUR EXHIBITIONS

www.fundacionmapfre.org

Fundación **MAPFRE**

Nicholas Nixon
Hyde Park Avenue, Boston, 1982

NICHOLAS NIXON

Lugar
Sala Fundación MAPFRE
Bárbara Braganza
Bárbara de Braganza, 13. 28004 Madrid

Fechas
Desde el 07/09/2017
al 08/01/2018

Horario de visitas
Lunes de 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado de 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.



NICHOLAS NIXON

Location
Fundación MAPFRE
Bárbara Braganza Exhibition Hall
Bárbara de Braganza, 13. 28004 Madrid

Dates
From 07/09/2017
to 08/01/2018

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.

#expo_nixon
<http://exposiciones.fundacionmapfre.org/nicholasnixon>

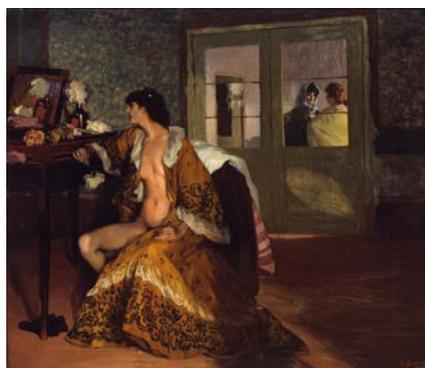
Ignacio Zuloaga
Celestina, 1906
Museo Nacional Centro de Arte
Reina Sofía, Madrid
Foto: Archivo Fotográfico Museo
Nacional Centro de Arte Reina
Sofía
© Ignacio Zuloaga, VEGAP,
Madrid, 2017

ZULOAGA EN EL PARÍS DE LA BELLE ÉPOQUE, 1889-1914

Lugar
Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Fechas
Desde el 28/09/2017
al 07/01/2018

Horario de visitas
Lunes de 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado de 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.
Acceso gratuito los lunes



ZULOAGA IN BELLE ÉPOQUE PARIS, 1889-1914

Location
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Dates
From 28/09/2017
to 07/01/2018

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

#expo_zuloaga
<http://exposiciones.fundacionmapfre.org/zuloaga>

Auguste Rodin
*Le Penseur, sur élément de
chapiteau, 1881-1888*
Musée Rodin, Paris. S.03469
© agence photographique du
musee Rodin - Pauline Hisbacq

EL INFIERNO SEGÚN RODIN

Lugar
Sala Casa Garriga i Nogués
Diputació, 250. 08007 Barcelona

Fechas
Desde el 10/10/2017
hasta el 21/01/2018

Horario de visitas
Lunes: 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado: 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos: 11:00 a 19:00 h.
Acceso gratuito los lunes



HELL ACCORDING TO RODIN

Location
Casa Garriga i Nogués Exhibition Hall
Diputació, 250. 08007 Barcelona

Dates
From 10/10/2017
to 21/01/2018

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

#infiernoRodin
<http://exposiciones.fundacionmapfre.org/elinfiernosegunrodin>

ESPACIO MIRÓ

Lugar
Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Exposición Permanente

Horario de visitas
Lunes de 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado de 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.

Acceso gratuito con la compra
de la entrada a las salas Fundación
MAPFRE Recoletos



ESPACIO MIRÓ

Location
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Permanent Exhibition

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.

Free access with the purchase
of an entrance ticket to the exhibition
halls of Fundación MAPFRE Recoletos



**¡¡COMPRA TUS ENTRADAS!!
BUY YOUR TICKETS!!**



Muito obrigado pelo seu trabalho

O cardiologista Valentín Fuster, a empresa de transportes ALSA, o psiquiatra Luis Rojas Marcos e a Fundación Aladina foram os vencedores da edição de 2016 dos Prêmios Fundación MAPFRE.

Com 30.000 euros como prêmio para cada categoria, esta premiação visa apoiar as iniciativas de pessoas e empresas que, voluntariamente, dedicam seu tempo para melhorar as condições de vida do resto da sociedade. ☒

**Para esta edição foram recebidas
740 candidaturas de todo o mundo**

la fundación Revista da Fundación MAPFRE Presidente do Conselho Editorial Antonio Núñez Tovar Diretor Javier Fernández González Edição Direção de Comunicação da MAPFRE Redação Ctra. de Pozuelo 52. 28222 Majadahonda. Madrid. T 915 815 073. F 915 818 382. comunicacion@mapfre.com www.fundacionmapfre.org Distribuição Área de Marketing da Fundación MAPFRE. Pº de Recoletos, 23. 28004 Madrid. T 916 025 221. informacion@fundacionmapfre.org Realização editorial Moonbook S.L. contenidos@moonbook.es Infográficos Gorka Sampedro Impressão Edipack Grafico, S.I. Depósito legal M-26870-2008 ISSN 1888-7813 A publicação desta revista não necessariamente supõe a concordância da Fundación MAPFRE com o conteúdo dos artigos e trabalhos nela contidos. Está autorizada a reprodução de artigos e notícias aqui contidas desde que conte com a permissão expressa dos editores e a fonte seja citada. Imagem da Capa Ignacio Zuloaga, *Véspera da Corrida* (fragmento), 1898. Musées Royaux des Beaux Arts de Belgique, Bruxelas. © Ignacio Zuloaga, VEGAP, Madrid, 2017

sumário

PRÊMIOS FUNDACIÓN MAPFRE 2016



ZULOAGA NA PARIS DA BELLE ÉPOQUE, 1889-1914



Ignacio Zuloaga
Retrato de Émile Bernard, 1897-1901
Acervo particular, Bilbao
Foto: Juantxo Egaña
© Ignacio Zuloaga, VEGAP, Madrid, 2017

NICHOLAS NIXON



The Brown Sisters [As irmãs Brown], 1975
Acervos Fundación MAPFRE
FM000341



6 PRÊMIOS FUNDACIÓN MAPFRE 2016

Te contamos tudo o que aconteceu na cerimônia de entrega e entrevistamos os vencedores desta edição: o cardiologista Valentín Fuster, psiquiatra Luis Rojas-Marcos, Fundación Aladina e a empresa de transportes ALSA.



20 EM PRIMEIRA PESSOA

Uma conversa com NICHOLAS NIXON

Motivados pela exposição do fotógrafo americano, tivemos a oportunidade de conversar com ele sobre seu trabalho.



ARTE

22 NICHOLAS NIXON

A exposição deste grande fotógrafo americano poderá ser visitada até o dia 08 de janeiro de 2018 na sala Bárbara de Braganza de Madrid.



28 ZULOAGA NA PARIS DA BELLE ÉPOQUE, 1889-1914

Até o dia 07 de janeiro de 2018, a Fundación MAPFRE apresenta na sala Recoletos de Madrid uma exposição retrospectiva sobre o pintor basco.



34 O INFERNO SEGUNDO RODIN

Mergulhe no inferno particular do escultor Rodin na sala Casa Garriga i Nogués de Barcelona. Até o dia 21 de março de 2018.



40 PROFISSIONAIS E MAIS

O jornalista e Prêmio Nacional de Esportes, **Sebastián Álvaro**, nos conta sobre seu projeto no Afeganistão.

42 SEGREDOS DO SEGURO

O NAUFRÁGIO DO TITANIC

Revelamos algumas informações que você provavelmente não sabia sobre o naufrágio do Titanic.

44 FUNDACIÓN MAPFRE GUANARTEME

O FUTURO JÁ CHEGOU

Através de cursos de formação em Big Data e animação, jovens das Canárias têm acesso a novas profissões.

CUIDE-SE

48 DETOX: MODA OU REALIDADE?

Cada vez mais ouvimos falar dos sucos Detox, mas será que eles são realmente tão benéficos para a nossa saúde?

50 QUATRO HORAS E MEIA PARA PODER AGIR

Há alguns pontos essenciais de como agir diante de um derrame.

54

SEGURANÇA VIÁRIA

MENOS VELOCIDADE, MENOS MORTOS

A Fundación MAPFRE uniu-se à campanha SlowDown, das Nações Unidas, que visa conscientizar sobre a importância de respeitar os limites de velocidade.

58 COMPROMETIDOS

BRASIL: AMOR CONTRA A VIOLÊNCIA

A Fundação Albert Einstein, apoiada pela Fundación MAPFRE, lidera um projeto de desenvolvimento em Paraisópolis, uma grande favela na cidade de São Paulo.

62

VOLUNTÁRIOS EM AÇÃO

SE QUEREMOS, PODEMOS

Norma Nakamura Calderón nos conta sua experiência como voluntária nas ações lançadas pela Fundación MAPFRE para fornecer apoio às vítimas de enchentes no Peru devido à passagem do fenômeno climático El Niño Costeiro.

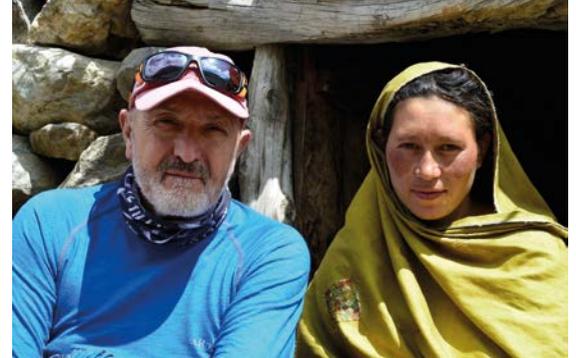
64 OUTRA MANEIRA DE AJUDAR

66 VISTO NA REDE

Conheça todas as atividades que desenvolvemos nas redes sociais e nos siga!



PROFISSIONAIS E MAIS



O FUTURO JÁ CHEGOU



QUATRO HORAS E MEIA PARA PODER AGIR





Prêmios sociais 2016

TEXTO: ÁNGEL MARTOS

740 pessoas e instituições de todo o mundo apresentaram sua candidatura a uma das quatro categorias dos Prêmios Sociais da Fundación MAPFRE em sua última edição, 85% a mais do que no ano anterior. Em uma primeira leitura deste crescimento, reflete-se claramente o interesse e a projeção cada vez mais internacional desses reconhecimentos que buscam evidenciar e agradecer pelo trabalho de todos aqueles que, além de suas vidas diárias, dedicam tempo e esforço aos demais, à sociedade onde atuam. O segundo, igualmente

importante, é que cada vez mais e mais pessoas comprometem-se a mudar para melhorar o mundo que nos rodeia.

A cerimônia foi presidida por Sua Majestade, a Rainha Sofia, que por sua vez foi premiada pela Fundación MAPFRE na edição anterior, e conduzida pelo jornalista Pedro Piqueras. Também contou com a presença de Juan Ignacio Zoido Álvarez, Ministro do Interior da Espanha. Essa premiação é anual e conta com um orçamento total de 120.000 euros, que visa reconhecer o trabalho de

«Nos propusemos a deixar um mundo melhor que o que encontramos ao nascer»

instituições e pessoas que contribuem para a melhoria da vida da sociedade.

Assim, o **Prêmio à Melhor Iniciativa em Prevenção de Acidentes** foi para o **Grupo ALSA** pelo seu programa **World Class Driver**, um conjunto de medidas para a melhoria contínua dos conhecimentos e competências de seus condutores, o que incide no estrito cumprimento das leis de trânsito e de segurança, especialmente em matéria de velocidade. O resultado é uma redução de 35% no número de acidentes. Jorge Cosme, presidente da multinacional de transportes, agradeceu pelo troféu que *«representa um novo estímulo para melhorar ainda mais o nosso programa de segurança»*.

«Nos propusemos a deixar um mundo melhor que o que encontramos ao nascer», confessou o empresário, cineasta e filantropo Paco Arango, ao receber o prêmio dado à sua **Fundación Aladina**. O **Prêmio à Melhor Iniciativa em Ação Social**, por seu programa **de atendimento psicológico para crianças e adolescentes com câncer e suas famílias**. *«Além do valor econômico deste prêmio, o reconhecimento é muito importante para o nosso trabalho, porque é a única maneira da Aladina continuar a crescer»*, defendeu Arango.

Os doentes mentais desabrigados foram os protagonistas do Prêmio à **Melhor Iniciativa em Promoção da Saúde**, entregue pela Rainha Sofía ao **Projecto Ayuda**, liderado por **Luis Rojas-Marcos**. Durante seu discurso, o doutor salientou que *«o crédito deve ser compartilhado com muitos que desempenharam um papel essencial na criação do projeto e que acreditaram no valor terapêutico, humanitário e moral deste modelo móvel de intervenção para ajudar à milhares de doentes mentais desabrigados»*. Trinta anos após o seu lançamento, em Nova York, este programa atende 11.500 pacientes anualmente. Seu efeito foi multiplicado através da reprodução do modelo nas grandes cidades dos Estados Unidos e na Europa. *«No final, a lição mais importante que eu reaprendi nos dias de hoje é que a nossa tarefa diária é ajudar uns aos outros, e que o melhor negócio é o bem comum»*, compartilhou Rojas-Marcos.

O **Prêmio à Toda Uma Vida Profissional**, **Jose Manuel Martínez Martínez**, foi atribuído a **Valentín**

Fuster, pelos mais de quarenta anos de pesquisa e luta contra as doenças cardiovasculares. *«Estou muito orgulhoso por receber este prêmio da Fundación MAPFRE, que é tão prestigiada e que recebe pessoas que eu admiro profundamente, como Sua Majestade, a Rainha Sofía e Plácido Domingo»*, confessou o médico. Em seu discurso de agradecimento, Fuster reconheceu que lhe custou lembrar os 40 anos de pesquisa como sendo apenas seus, *«especialmente quando se está ciente da importância de seus colaboradores»*. Seus projetos mais recentes são destinados ao controle das doenças cardiovasculares através da educação de hábitos saudáveis, ao estudo da nutrição, obesidade, hipertensão e controle de nossas emoções. *«Se queremos que o mundo mude, devemos apoiar os jovens, os jovens são o futuro»*, concluiu. ✕





Prêmio Por Toda uma Vida Profissional José Manuel Martínez

Valentín Fuster

TEXTO: ÁNGEL MARTOS

Quando aperta-se a mão macia e firme do Dr. Valentín Fuster (Barcelona, 1943), que salvou tantas vidas, devolvendo o pulso à corações danificados, pesquisando as causas das doenças e da morte, entende-se este conceito de heroísmo civil e a necessidade de premiá-lo.

O diretor do Centro Nacional de Pesquisas Cardiovasculares (CNIC) e do Instituto Cardiovascular do Hospital Mount Sinai, em Nova York, mostra sua sabedoria e tenacidade em ambos os lados do Atlântico, sem perder, neste trabalho heroico, o contato direto com seus pacientes. “Ontem eu atendi a 17 pacientes”, diz ele com orgulho.

Responsável por avanços gigantescos na identificação das causas dos ataques cardíacos, pioneiro no uso de aspirina para prevenir doenças cardiovasculares e da polipílula para tratá-las, entre muitos outros feitos, recebeu o prêmio “Por Toda

uma Vida Profissional José Manuel Martínez Martínez” da Fundación MAPFRE.

Olhando para trás, afirma que, se começasse de novo, o cérebro seria seu objeto de estudo e preocupação. Porque está em nossas necessidades e desejos, decisões e hábitos, o segredo para uma vida saudável.

Você se lembra da primeira vez que viu um coração batendo?

Sim, eram corações em autópsia, quando estava no primeiro ou segundo ano da faculdade, e depois vimos órgãos vivos diretamente nas salas de cirurgia, ou indiretamente por meio de tecnologia de imagem.

Você já pegou um coração na mão? Qual é a sensação?

É difícil explicar, porque quando você tem um coração na mão, como nós cirurgiões temos, e você precisa mudar algumas coisas ou modificá-lo cirurgicamente,

pensa-se somente sobre os aspectos mais mecânicos. A percepção e o entendimento mais profundo do coração adquire-se vendo-o de fora.

O coração ainda guarda segredos para você?

É uma máquina em movimento contínuo que, ao contrário dos aviões, não precisa de reparo a cada três ou quatro semanas. É um mistério e um milagre.

Falar em milagres e pesquisa parece uma contradição.

É uma pergunta difícil de responder. Pesquisa e criatividade são extremamente importantes para alcançar o que ainda não conhecemos, mas devemos ter em mente que estamos longe de saber tudo o que precisamos. E, certamente, no que diz respeito ao coração, é muito difícil entender como válvulas se abrem e se fecham a cada segundo, durante 50, 60, 70 anos, sem se deteriorar... A menos que a gente contribua para isso.

Antonio Núñez
Tovar

Rafael Márquez
Osorio
Conselheiro da MAPFRE
e diretor da Fundación
MAPFRE

Montserrat Guillén
i Estany
Professora da
Universidade de Barcelona.
Diretora da Fundación
MAPFRE

Sua Majestade, a
Rainha Sofia
Premiada em 2015

Rebeca Grynspan
Secretária Geral da
Secretaria-Geral Ibero-
Americana (SEGIB)

Bieito Rubido
Diretor do Diário ABC

Julio Domingo Souto

O incidente mais comum, dentro de sua especialidade, é o ataque cardíaco, que é sempre visto como uma surpresa, um imprevisto.

Esta é uma doença das artérias coronárias, que leva ao ataque cardíaco. Inicia entre os 15 e 20 anos de idade, devido a uma série de fatores de risco. Dois terços da população já têm a doença quando atingem os 50 anos de idade. Assim, os ataques cardíacos são inesperados apenas a partir de uma visão superficial... Nós, seres humanos, tendemos a acreditar que somos invulneráveis e a pensar que tudo acontece de repente. Mas é porque não quisemos preveni-lo.

O prêmio da Fundación MAPFRE lhe foi dado precisamente pelo desenvolvimento de sua pesquisa, mas também pelos proveitos tirados da mesma, na prevenção e tratamento de doenças cardiovasculares.

Eu tive três fases na minha vida profissional. As duas primeiras foram muito dedicadas à pesquisa sobre a doença, em particular, o infarto do miocárdio. Mas chega um momento em que você percebe a raiz do problema: a sociedade em que vivemos, um mundo onde a economia e as finanças são muito importantes. Tratar a doença é caríssimo, mas preveni-la custa muito menos,

O coração é um mistério e um milagre

por isso é necessário cuidar-se desde cedo.

Pode-se dizer que vencemos a batalha da ciência mas perdemos a da cultura, certo?

Sim, a ciência está muito atrasada em relação à atitude humana. Se você perguntar a alguém sobre o tabagismo, a hipertensão, o colesterol alto, a inatividade física, essa pessoa saberá muito bem que estes são fatores de risco, mas, infelizmente, a sociedade não muda por isso.

O que pode ser feito?

Eu trabalho com o *Sesame Street* (programa infantil de televisão conhecido como *Vila Sésamo no Brasil*) há muitos anos, e há dados muito importantes sobre o nosso comportamento como adultos depender do ambiente em que vivemos entre os 3 e 6 anos. Abordamos estas idades com trabalhos muito intensos, durante 70 horas essas crianças são ensinadas sobre o que é a saúde, como funciona o corpo, o tema da nutrição, exercício físico e como controlar as emoções. Nós preparamos eles para que, mais tarde, quando forem apresentados ao álcool, ao tabaco, etc, saibam dizer não. No momento, estamos trabalhando com 50.000 crianças em quatro países. E os resultados

em 10 anos de acompanhamento são espetaculares. Também temos programas com adultos... mas eles não mudam. As crianças ouvem, os adultos não.

As pequenas esperanças nos dão as maiores!

Bem, estamos falando de uma epidemia, da causa número um de mortes no mundo, que é o infarto e o derrame... Há esperança em um nível muito diferente do que as pessoas pensam: os projetos realizados com adultos têm sido bem sucedidos quando há o envolvimento da comunidade. Um sistema parecido com o do Alcoólicos Anônimos, mas com temas de saúde, em que uns aos outros se ajudam acerca da obesidade, tabagismo, pressão arterial... A comunidade é muito motivadora.

Como são construídos esses grupos de “pacientes anônimos”?

Um de nossos estudos foi realizado em sete comunidades espanholas, onde, junto aos municípios, reunimos pessoas com fatores de risco em grupos de 10 em reuniões mensais, e tem sido um sucesso absoluto. Isso mostra que o indivíduo, quando trabalha com outros indivíduos, por pressão ou não, funciona muito melhor.

Você mesmo chegou a mudar alguns de seus hábitos?

Eu, francamente, sempre fui muito motivado desde cedo.

Na Espanha existe um grupo de cientistas muito talentosos, que pode ser comparado aos melhores do mundo. Se nós queremos que este mundo mude de verdade, devemos começar a recorrer aos jovens



Qual é a sua opinião sobre as políticas públicas que penalizam os alimentos menos saudáveis, como o açúcar refinado?

Na semana passada, em Washington, apresentamos um estudo sobre como nos aproximamos da sociedade para iniciar uma mudança. Fazemos isso a nível individual ou comunitário? Há regras? Estou convencido deste último. Basta olhar para a história do tabagismo... Se alguém quer parar esta epidemia, tem que obrigar as empresas de alimentos a reduzir o sal, o açúcar, as gorduras. As companhias de seguros, por exemplo, estão começando a apresentar taxas

significativas em relação aos fatores de risco. Vai por aí.

O prêmio por toda uma vida convida à reflexão. Se você tivesse que destacar algo que aprendeu, o que seria?

Acho que nós não estamos dando ênfase o suficiente no papel tremendo que os jovens podem ter se soubermos motivá-los. Inúmeros pais já me pediram para falar com seus filhos e filhas, porque são passivos, não são motivados. Em cada um dos seis projetos que desenvolvemos em todo o mundo existem cerca de 20 pessoas envolvidas. São pessoas com menos de 30 anos, e muitas delas, pessoas que a sociedade uma vez afirmou serem

passivas. Se nós queremos que este mundo mude de verdade, devemos começar a recorrer aos jovens. Eles são os únicos que podem nos levar a um futuro mais brilhante do que apenas pensar em nós mesmos e na sociedade em que vivemos.

A ciência precisa ser mais reconhecida na Espanha?

Na Espanha existe um grupo de cientistas muito talentosos, que pode ser comparado aos melhores do mundo. Minha opinião é que devemos incentivar estes indivíduos, homens e mulheres. Eu sou daqueles que pensam que é melhor dar muito a poucos do que dar pouco a muitos. É algo que temos que aprender com os EUA. ⊗





Prêmio à Melhor Iniciativa em Promoção da Saúde

Luis Rojas Marcos

TEXTO: ÁNGEL MARTOS

Em 1981, o primeiro ano de Ronald Reagan à frente do Governo dos EUA, as estatísticas apontaram 107.495 roubos e 1.841 assassinatos em Nova York. Um recorde que ficou marcado como ponto de transição para uma cidade em guerra, caótica e desordenada, tomada por traficantes de drogas e outros criminosos, e que nas palavras de Luc Sante, um de seus cronistas mais lúcidos, ao invés de Big Apple «seria mais verídico se a cidade atendesse pelos apelidos dados pelos sem-teto: a Grande Mancha e a Grande Cebola».

Esse foi também o ano em que o psiquiatra e pesquisador Luis Rojas Marcos (Sevilha, 1943) foi nomeado diretor da área de Serviços Psiquiátricos de onze hospitais gerais, serviços de emergência e ambulatórios de Nova York pelo prefeito da cidade, Edward Koch. «Uma cidade aberta, tolerante, um viveiro de ideias, em que as oportunidades te perseguem, e não o contrário», lembrou Rojas

Marcos, «me acolheu quando eu era um jovem inexperiente, inquieto e apenas enrolava no inglês». Sua contribuição mais reconhecida neste cargo foi a criação, em 1987, do Proyecto Ayuda (Project HELP), o primeiro serviço médico móvel para atender e internar pacientes mentais graves e desabrigados.

Trinta anos depois, a Fundación MAPFRE concedeu à ele seu prêmio „Melhor Iniciativa em Promoção da Saúde“, no valor de 30.000 euros, escolhido entre mais de 740 candidaturas recebidas de toda a Europa, Estados Unidos e América Latina. O júri para este prêmio foi formado, entre outros, pelo presidente da Real Academia Nacional de Medicina, Joaquin Poch, e pela diretora geral de Saúde Pública, Qualidade e Inovação, Elena Andradás, que sublinhou «a importância deste programa, que serviu como modelo para a implementação destes serviços

móveis em outras cidades, e tem feito muitos países entenderem que a saúde mental dos mais desfavorecidos é uma questão vital para o sistema de saúde nacional».

Um entendimento que, na década de 80, para Rojas Marcos e sua equipe se tratava simplesmente de sensibilidade, de humanidade: «Nós víamos como vinham muitos pacientes mentais ao setor de urgências, e havia um grupo que vivia na rua, que se abrigavam nos túneis do metrô e parques... ocasionalmente, algum deles morria e aparecia no jornal. Lembro-me de uma senhora que morreu em sua caixa de papelão fora da estação de metrô... Então, decidimos que tínhamos que fazer alguma coisa», lembra o psiquiatra espanhol.

Muitas manhãs as notícias nos levam a pensar que o mundo está louco. Mas, qual seria o diagnóstico de um especialista?

O mundo não está louco, é apenas uma minoria que sofre de doença

**14**

PRESIDENTE

Ángel de Benito
CordónJoaquín Poch Broto
*Presidente da Real
Academia Nacional de
Medicina*Elena Andradás
Aragonés
*Diretora Geral de Saúde
Pública, Qualidade e
Inovação, Ministério
da Saúde*Juan Ángel Rivera
Dommarco
*Diretor Geral do Instituto
Nacional de Saúde Pública
do México*Ángel Gil de Miguel
*Vice-reitor de Cooperação
para o Desenvolvimento,
Voluntariado e Relações
Institucionais da
Universidade Rey Juan
Carlos.*Gregorio Varela
Moreiras
*Diretor do Departamento
de Ciências Farmacéuticas
e da Saúde da Faculdade de
Farmácia da Universidade
San Pablo-CEU*José Luis Zamorano
Gómez
*Chefe do Departamento de
Cardiologia do Hospital
Universitário Ramón
y Cajal*SECRETÁRIO-
MEMBROAntonio Guzmán
Córdoba**O JÚRI**

MEMBROS

mental. O que acontece é que passamos a prestar atenção ao que é diferente.

Por que continuamos a ter tanto medo deles? Fizemos progressos na eliminação de alguns preconceitos, mas, ao mesmo tempo, outros parecem ter nascido.

É mesmo. Deve-se levar em conta que a noção de doença mental é relativamente recente. A psiquiatria foi inventada há 120 anos, e antes os doentes mentais, como não eram entendidos, eram vistos como “possuídos”, na Bíblia fala-se de loucos. A palavra *louco* vem de *localizar*, afastar... A sociedade sempre se afastou, estigmatizou a doença mental, por medo de que possa levar à violência, mas também por se tratar de alguém que não vê realidade como o resto. E isso tem feito muito mal para os doentes mentais, dá medo dizer que quer ir ao psicólogo ou ao psiquiatra, não pense que ao fazer isso você é louco ou é uma pessoa imprevisível. Essa é a maior barreira entre a doença mental, o doente e a cura ou, pelo menos, a melhora.

A partir dos anos 50, decidiu-se deslocalizar os loucos nos EUA, com perdão pelo trocadilho. Ou seja, pensou-se que, em vez de serem trancados em guetos psiquiátricos, os doentes mentais poderiam ser reintegrados à sociedade com a devida ajuda farmacológica e médica.

Há culturas, na Espanha, na Europa, onde a felicidade ou o conceito de felicidade é mal visto

É também uma das palavras mais compridas em castelhano e em inglês: se desinstitucionalizou. Na Europa (exceto na Alemanha) e nos EUA houve um movimento para negar a doença, ao mesmo tempo em que havia um enorme gasto com esses centros. Em seguida, os centros foram fechados e não ocorreu a ideia de criar programas comunitários. Na Espanha muitos tiveram a sorte de serem apoiados por suas famílias. Mas nos EUA este não é o papel da família, acredita-se que é a obrigação do Estado. Como resultado, esses pacientes, que não podiam negociar a burocracia social, acabavam nas ruas e colocavam sua vida em perigo.

Em seu site explica que «em 1955 os centros psiquiátricos americanos abrigavam 552.150 doentes crônicos, enquanto em 1980 restavam apenas cerca de 150.000, devido à falta de serviços de saúde mental nas comunidades». Como conseguiu sensibilizar novamente as autoridades sobre o problema que eles mesmos criaram?

Eu tive sorte que o então prefeito, Ed Koch, que morreu recentemente, logo percebeu que tinha que fazer alguma coisa. Mas claro, tudo isso exige recursos, psiquiatras, enfermeiros, assistentes sociais... encontrar um hospital disposto a admitir esses pacientes e localizar uma instituição que também aceitasse aqueles que precisavam de uma longa estadia. Demoramos em fazer tudo isso.

Você se lembra da manhã em que lançaram o projeto?

Começamos em um dia de outubro, e por alguma razão, a imprensa sabia. Na noite anterior eu e o prefeito fomos ver os pacientes que recolheríamos no dia seguinte. E eu me lembro da presença da televisão, porque era uma decisão que chamava muita atenção. Também as perguntas dos jornalistas: por que o fazíamos? Nós estávamos tentando esconder eles? Estávamos tirando os pacientes da rua contra a vontade deles? Era um debate sobre o que é a liberdade. A liberdade é estar alucinando, sem comer, doente, com infecções, ou é sair da prisão da doença?

Me chama muita atenção as demonstrações de agradecimento dos prefeitos que o apoiaram, Koch, David Dinkins, Rudolph Giuliani...

É claro que, sem a ajuda dele não teria sido possível. Nem sem a cooperação das famílias dos

A palavra *louco* vem de *localizar*, afastar... A sociedade sempre se afastou, estigmatizou a doença mental, por medo de que possa levar à violência, mas também por se tratar de alguém que não vê realidade como o resto.

Luis Rojas Marcos com Valentín Fuster na entrega dos prêmios



doentes, dos hospitais públicos e dos profissionais, psiquiatras, enfermeiros e assistentes sociais que estavam dispostos a trabalhar dia e noite nas ruas, com uma dedicação extraordinária.

Rojas Marcos é, graças a sua simplicidade, um prolífico escritor de artigos e livros (um deles, *Corazón y Mente*, foi escrito em conjunto com outro premiado pela Fundación MAPFRE neste ano, o renomado cardiologista Valentín Fuster), onde foca nos desafios das sociedades ocidentais frente à violência, drogas, epidemias, pobreza, racismo, terrorismo e o estigma da doença mental. Uma vontade

de que enfrentemos e superemos as adversidades com uma perspectiva otimista.

A medicina mostra que qualquer nenhum passado foi melhor que o agora. Então, por que nós ainda continuamos aterrorizados pelo futuro?

O que acontece é que, por um lado, a memória é programada para se lembrar do que é mais positivo do que negativo. Além disso, há culturas, na Espanha, na Europa, onde a felicidade ou o conceito de felicidade é mal visto. Você não vai à uma reunião e diz que está feliz ou otimista, porque é visto como ignorante ou ingênuo. Nos EUA glorifica-se a felicidade, a cultura valoriza o otimismo.

Um prêmio também lhe convida a lembrar o positivo e ser otimista sobre o futuro. Pra você, como foi ser premiado pela Fundación MAPFRE?

Este prêmio vai muito além do valor médico ou de saúde dessa unidade móvel, porque também implica na obrigação da sociedade de cuidar dessas pessoas mais vulneráveis, tais como um doente mental que não entende a realidade, que vive na rua. Me deu a oportunidade de reaprender lições que aprendi ao longo da vida. Uma delas é que é importante ajudarmos uns aos outros, e a outra é que, realmente, o melhor investimento que existe é bem comum. ⊗



Prêmio à Melhor Iniciativa em Prevenção de Acidentes

ALSA

TEXTO: ÁNGEL MARTOS

A figura do motorista profissional tornou-se, na última década, um território ocupado. Seja pela evolução da economia colaborativa, com os apps de viagem compartilhada, ou pela revolução tecnológica, com a chegada anunciada dos veículos autônomos, enfim, a profissão de motorista atualmente é controversa: ou são amadores ou robôs.

ALSA, uma empresa de transportes, encontrou uma saída baseada na capacitação de seus profissionais através da segurança durante a condução. O ônibus já é o meio de transporte terrestre mais seguro. O relatório da Rail Safety

and Standards Boards Limited afirma que o risco de sofrer um acidente fatal de ônibus é quase 6 vezes menor do que se viajarmos de carro, 48 vezes menor do que se nos deslocarmos de bicicleta, 108 vezes menor do que se o fizermos como pedestres e 321 vezes menor do que se o fizermos em motocicleta. Como melhorar essa estatística? Com um programa de prevenção de riscos viários chamado World Class Driver, que recebeu o Prêmio Fundación MAPFRE à Melhor Iniciativa em Prevenção de Acidentes. Para Jorge Cosmen, presidente da empresa, apostar na segurança “é a melhor maneira de servir nossos clientes”.

Quantas vezes ao ano você viaja de ônibus?

A cada um mês e meio eu tento pegar um ônibus interurbano. E urbanos eu uso bastante, em Londres ou em Madrid.

Quando se é o meio de transporte terrestre mais seguro, como se consegue melhorar ainda mais?

Na ALSA contamos com um grupo maravilhoso de pessoas, começando com os motoristas, que são os responsáveis pela implementação de todas as normas preventivas e ativas de segurança, para que tudo ocorra da melhor maneira possível. É uma questão que está em nosso DNA.

José Manuel
Inchausti Pérez

Antonio Guzmán
Córdoba
Diretor da Área de
Promoção da Saúde da
Fundación MAPFRE

Gregorio Serrano
López
Diretor geral de Tránsito

Teófilo de Luis
Rodríguez
Presidente da Comissão
de Segurança Viária e
Mobilidade Sustentável da
Câmara dos Deputados

Gary Smith
Presidente da Child
Injury Prevention
Alliance (CIPA)

Inés Ayala Sendar
Deputada do Parlamento
Europeu, membro da
Comissão de Transportes

Hermann de Croo
Presidente do European
Transport Safety Council

Jesús Monclús
González



17

Que tipo de ações podem ser promovidas?

Há medidas concretas, tais como a campanha da Fundación MAPFRE para o uso do cinto de segurança nos ônibus, por exemplo, na qual temos participado ativamente. O uso do cinto de segurança em veículos particulares mudou nos últimos 20 anos, e o mesmo está acontecendo no transporte coletivo, com os passageiros dos ônibus. Isso vai levar algum tempo, mas precisamos acreditar e persistir para que alcancemos este fim.

Nós, usuários, ainda somos difíceis, certo?

Geralmente, o que é difícil é a mudança de hábito, algo que vem principalmente do convencimento. Por isso, é muito importante o desenvolvimento da cultura viária na Espanha, que já evoluiu muito graças às instituições como a Fundación MAPFRE e seu trabalho de reconhecimento às pessoas e instituições que se preocupam com o transporte, para que este seja o mais seguro possível.

Como nasceu este programa de segurança durante a condução, o World Class Driver?

Anos atrás, quando a segurança viária começou a reduzir as taxas de acidentes, nós, da ALSA, queríamos dar um passo à frente, então a nossa equipe de gerenciamento lançou um plano global chamado Eliminando Riesgos (Eliminando Riscos, em tradução literal), composto por vários outros projetos. Um deles é o *World Class Driver*, cujo objetivo

O objetivo principal é que os motoristas da ALSA sejam os mais seguros que existam

principal é que os motoristas da ALSA sejam os mais seguros que existam. Também queríamos servir de referência para outras empresas do setor.

A ALSA está presente em vários países. Pode-se aplicar a mesma política de segurança em todos os mercados em que está presente?

Às vezes é difícil, mas não podemos diferenciar a segurança devido a diferenças geográficas. Os hábitos de condução no Marrocos, por exemplo, são diferentes dos hábitos da Espanha ou da América do Norte, mas isso não é desculpa para que os requisitos, as exigências que colocamos não sejam as mesmas, porque no final todos somos pessoas.

O montante do prêmio será destinado, precisamente, à atividades de educação viária no país norte africano.

Sim, estamos presentes lá há quase 20 anos e acreditamos que, ao trabalhar em conjunto com as escolas no Marrocos para aumentar a segurança viária, educando as crianças e os professores, podemos ajudar a mudar certos hábitos. É também uma maneira de devolver à

sociedade marroquina uma parte do que eles nos dão, como uma empresa prestadora de serviços no país.

Quando veremos um veículo da ALSA sem um motorista humano?

Estamos colaborando em vários programas com vários fabricantes mundiais, ligados aos veículos elétricos e à condução autônoma. Trabalhamos no desenvolvimento desses protótipos e, na Espanha, temos um sistema que pode estar muito avançado. Mas logo damos de cara com os desafios de infraestrutura e na legislação.

As empresas estão investindo cada vez mais em segurança e, ao mesmo tempo, os consumidores recorrem à pilotos não profissionais para o bem da chamada “economia colaborativa”. Não é paradoxal?

Tudo o que é chamado de economia colaborativa tem dois ângulos: o desenvolvimento da tecnologia, que permite um melhor serviço com a geolocalização, e logo há o campo das regulamentações. A tecnologia é algo que as empresas devem investir, a fim de prestar um melhor serviço a seus clientes, sem dúvida alguma. Mas o campo deve ser igual para todos jogarem. Nesse sentido, acreditamos que a segurança e a formação das pessoas que vão dirigir deve ser, de alguma maneira, comum para todos. Acreditamos que, atualmente, há diferenças muito perceptíveis que tendem a uma homogeneização, é uma questão de tempo. ✖



Prêmio à Melhor Iniciativa em Ação Social

Fundación Aladina

TEXTO: ÁNGEL MARTOS

“Nasci em um ambiente familiar saudável, amoroso, tive saúde, amor, cresci nas melhores escolas, universidades, pude realizar meus sonhos profissionais, mas me angustia pensar por que eu consegui e tantos outros não”. Para Paco Arango (México, 1966), cantor, empresário, produtor, escritor e diretor de cinema, herdeiro do Grupo Vips, lhe ocorreu esse conflito em 2001, quando estava envolvido na série de sucesso da

TVE, “*¡Ala...Dina!*”. «Eu disse pra mim mesmo que tinha que retribuir a minha sorte, urgentemente, de alguma forma... Eu comentei com uma pessoa que eu queria ajudar em algo, queria dar o meu tempo e queria que fosse complicado. Uma semana depois, essa pessoa me ligou e disse: “Comece no Hospital Niño Jesús, com crianças com câncer”». Quatro anos depois nasceu a Fundación Aladina, que recebeu o prêmio da Fundación MAPFRE à

Melhor Iniciativa em Ação Social por seu programa de atendimento psicológico à crianças e adolescentes com câncer e suas famílias, que atende a mais de 1.500 pessoas todos os anos.

A Fundación Aladina é um sucesso como organização, mas também pelo reconhecimento. Como você encara isso?

Somos verdadeiramente profissionais, de modo que

José Manuel
Martínez Martínez

Elena de Borbón y
Grecia
Diretora de Projetos da
Fundación MAPFRE

Julio Domingo Souto
Diretor geral da Fundación
MAPFRE

Pedro J. Puig Pérez
Presidente da Aldeas
Infantiles

Archiduque
Maximiliano de
Habsburgo
Presidente da Fundación
Recal

Guillermo
Fernández de Soto
Corporação Andina de
Fomento (CAF)

Daniel Restrepo
Manrique



recebemos os prêmios com muito carinho, mas cinco minutos depois de recebê-lo já estamos trabalhando novamente com as crianças... Os prêmios são importantes, pois é a única maneira da fundação continuar crescendo. Fazemos muito barulho na Aladina, tenho pessoas maravilhosas nela, mas somos muito verdadeiros, muito verdadeiros. Choramos, todos nós choramos juntos toda vez que perdemos uma criança, conhecemos todos eles pelo nome e isso é muito incomum, nos faz únicos em muitos aspectos.

Você se lembra da primeira criança que conheceu como voluntário?

Sim, claro... lembro de todos. Uma delas acabou sendo minha voluntária. E, infelizmente, faleceu, já com 28 anos. Seria atleta paraolímpica, não tinha uma perna. E o outro foi um menino que... se foi.

Esse contato tão próximo, que é fundamental em seu trabalho, ao mesmo tempo é muito intenso. Como você se protege?

Não há forma. Chorando, amando... No meu caso, eu tenho muita fé, acredito em Harry Potter, sempre disse isso (risos). E eu acredito que essas crianças estão indo para um lugar melhor. Não que eu acredite, eu só não tenho dúvidas. Mas é impossível se proteger. Se um voluntário não chora com uma família é algo que estamos fazendo errado.

Como nasceu o programa de atendimento psicológico para crianças com câncer?

Ajudamos as crianças, mas sobretudo aos pais, especialmente nos casos de cânceres infantis que não são curados, algo em torno de 20%

É muito engraçado, porque quando vem um voluntário que quer aprender o que eu faço, eu paro para pensar e honestamente não sei como explicar. É autodidata no sentido de que surge a partir de uma grande empatia, com um respeito liderado pelos médicos. Com as crianças sabemos o que funciona, o que não funciona e sabemos encaixar bem as ações. Logo, o resto é um aprendizado gradual...

Acho muito importante que os atendimentos se estendam ao resto da família.

Quem mais ajudamos são os pais. Mesmo com uma criança recém-diagnosticada, sempre digo à eles que eles são quem mais me preocupam, porque não é que a criança ficará bem, até pelos cabelos e tudo... Mas, caso a medicina falhe, algo que ocorre com 20% dos pacientes, nós cuidamos dos pais durante um ano inteiro, com um respaldo psicológico. Juntamos famílias que sofreram a mesma perda em um grupo liderado por um psico-oncologista. Eu vou somente no primeiro e no último

dia. No início, lhes peço para que deem uma nota de 1 a 10 sobre como se sentem. A maioria diz zero. Eu digo: não existe zero. Eles insistem: zero. E todos têm cara de quem não voltarão para uma próxima sessão. No entanto, continuam, e o último dia é um milagre, porque não há uma nota sequer abaixo de cinco, que por si só já significa seguir vivendo.

Você afirmou com muita segurança uma taxa de 20% de mortalidade, não diminuímos esses números?

80% das pessoas se curam, mas é uma taxa muito ambiciosa, porque aí teria que ver como estão estes 80%. Há uma porcentagem de crianças que enfrentam grandes obstáculos, emocionais e físicos. A primeira coisa que precisa ser mudada é que a quimioterapia atinja apenas a doença, e não o corpo inteiro, porque causa estragos. Há uma máquina que Amancio Ortega acabou de comprar para Barcelona, e explico-te a importância dela: quando se radia uma criança, radia toda ela, como se estivesse colocando-a em um micro-ondas. Mas com esta máquina, a radiação atinge diretamente o tumor.

Gestos pessoais, como o do fundador da Inditex ou os seus mesmo, são muito importantes.

Bem, o meu é mais pequeno, queria eu ter essa fortuna, há tanta coisa a ser feita... O que importa é estar ciente de que nos lugares mais pequenos e incomuns, uma pequena ação pode mudar o mundo para sempre. ⊗



Uma conversa com Nicholas Nixon

TEXTO: CARLOS GOLLONET

*Bebe e eu, Savignac de Miremont,
França, 2011*

© Nicholas Nixon, cortesia Fraenkel Gallery,
São Francisco

Motivados pela publicação do catálogo dedicado à retrospectiva de Nicholas Nixon, Carlos Gollonet, curador-chefe de fotografia da Fundación MAPFRE, conversou durante várias horas com o fotógrafo norte-americano. No catálogo e em nossa edição digital, você pode ler a entrevista completa. Reproduzimos aqui alguns trechos.

Seu começo na fotografia não foi precoce, quais eram seus

principais interesses nesses anos de formação?

O que mais me interessava era a literatura inglesa e norte-americana do século XX. Eu trabalhava em uma livraria que tinha muitos livros de arte e comecei a levar eles para casa, para aprender. Minha família não tinha livros, nem música, não viajava, então a atmosfera de Ann Arbor (Michigan) me deslumbrou, então, no verão entre o meu terceiro e quarto ano na Universidade de Michigan, eu fiz um curso de fotografia.



NICHOLAS NIXON

Nascido em 1947 em Detroit, Michigan, se licenciou em Literatura Americana no ano de 1969. Após completar seus estudos de pós-graduação em Fotografia na New Mexico State University, passou a combinar suas aulas como professor de fotografia na Massachusetts College of Art de Boston com seu trabalho como fotógrafo. Seu interesse por retratos e pela fotografia de caráter social resultou em séries famosas como *As Irmãs Brown* (1999-2012) e *People with AIDS* (1991). Desde 1976, ano de sua primeira exposição individual no MoMA, em Nova York, seu trabalho tem sido exibido em várias galerias e museus e recebeu prêmios renomados.

Dois dias depois, eu investi todas as minhas economias em uma Leica M3.

Em St. Louis eu tirava fotos para qualquer pessoa ou de qualquer objeto por vinte e cinco centavos. Podia-se dizer que eram para cobrir os custos, mas eu estava decidido a tirar proveito dessa situação para fazer boas fotografias para mim mesmo.

Você estava estabelecendo a sua maneira de trabalhar a partir de então: tripé, câmera de grande formato...

Em 1969 eu vi uma fotografia de Walker Evans, *Saratoga Springs, NY, 1932*, e essa qualidade acentuada, voluptuosa, alucinada, da discrição, especialmente a calçada coberta de chuva, me deixou pasmo. Uma câmara de grande formato ainda é a única maneira de conseguir isso verdadeiramente.

Você fez parte da *New Topographics*, uma mostra-chave da fotografia de paisagens americanas.

Isso foi antes da minha exposição no MoMA, eu estava orgulhoso, mas tinha uma mistura de sentimentos sobre o que é fazer parte de uma tendência. Acho que foi mais importante para todos os outros do que para mim.

E a sua primeira exposição individual foi no MoMA...

A primeira exposição no MoMA foi importantíssima, assim como a minha primeira Bolsa Guggenheim. Depois disso, as pessoas passaram a vir até mim e eu tive o privilégio maravilhoso de nunca ter que me preocupar em me promover de forma alguma. Isso implica em uma liberdade que não tem preço.

A partir de 1977 as pessoas passaram a ser seu foco principal.

Eu sempre vejo algo tremendamente poderoso nas pessoas e, uma vez que elas geralmente gostam desse reconhecimento, uma espécie de

contrato é estabelecido, como uma sedução. As pessoas gostaram da câmera.

Bebe, tua esposa, é também uma das protagonistas de “As Irmãs Brown”, a famosa série de retratos das quatro irmãs.

Durante muitos anos o pai de Bebe fez fotografias de toda a família que eram usadas como cartão de Natal. Certamente, ver essas fotos teve algo a ver com o fato de eu querer fazê-las. Mas eu também me rebelei contra elas, porque nelas todo mundo estava sorrindo e eram uma espécie de mentira.

Como se sentem agora, sendo tão populares? Sentem mais pressão a cada ano?

Acho que nenhum de nós sente qualquer pressão. Na verdade, todos nós amamos, é como uma oportunidade para reunirmos os cinco.

Há uma questão que paira no ar quando se vê a série: até quando você continuará com ela?

Eu quero continuar fazendo-a até que eu ou alguma delas não esteja mais aqui. Acredito que implicitamente elas prometeram algo assim.

Quando você vê a sua obra, você pensa em algo que queria ter feito mas não fez? Qual é a próxima coisa que fará?

Eu gostaria de ter feito mais projetos sobre as pessoas. Ter-lhes pedido ainda mais de si mesmas e de mim mesmo. Ter sido melhor. Gostei muito de fazer esta retrospectiva.

Agora vou começar com algo novo. Ainda não sei exatamente o quê, mas acredito que terei que buscar mais protagonistas dos meus. Talvez desconhecidos novamente, não tenho certeza, mas me sinto bastante ousado sobre isso, se não é muito presunçoso da minha parte dizê-lo. ⊗



Nicholas Nixon

TEXTO: VICTORIA DEL VAL

IMAGENS: © NICHOLAS NIXON. CORTESIA FRAENKEL GALLERY, SAN FRANCISCO

A partir do dia 07 de setembro de 2017 até 08 janeiro de 2018 a Fundación MAPFRE apresenta em sua Sala Bárbara de Braganza, em Madrid, a maior retrospectiva feita até hoje do trabalho do fotógrafo americano Nicholas Nixon, que ocupa um lugar de destaque único na história da fotografia das últimas décadas.

Focado principalmente em retratos, e com um claro interesse pelas possibilidades descritivas da câmera, o trabalho de Nicholas Nixon (Detroit, Michigan, 1947) revela uma tensão entre o visível, o conteúdo (de extraordinária clareza e habilidade de composição) e o invisível, os pensamentos e preocupações que surgem em suas imagens.

Seu trabalho em séries explora mundos únicos com um notável interesse social que revela aspectos inconscientes da realidade pertencente à experiência privada do artista, mas que por sua cotidianidade podem ser compartilhadas, despertando facilmente em nós o eco de memórias e emoções. A lentidão, os longos períodos, a ausência de

elementos dramáticos definem um trabalho que se desenvolve ao longo de quase cinco décadas de dedicação contínua. Nixon faz uso de uma técnica simples, quase obsoleta, mas impecável, com o uso de câmeras de grande formato que requerem a proximidade e a cooperação dos retratados, para mostrar os mundos em que o fotógrafo fixa sua atenção: os idosos, os doentes, a intimidade dos casais ou a família.

Esta é a maior retrospectiva do seu trabalho até então, com mais de duzentas fotografias.

A primeira câmera que Nicholas Nixon teve foi uma Leica, seguindo o modelo de Cartier-Bresson, cujo trabalho está entre os primeiros a lhe impactarem. Mas logo ele começou a explorar as possibilidades de câmeras de grande formato, com uma de 4 x 5 polegadas. Com ela, tira as fotos que abrem esta exposição: vistas em torno da cidade de Albuquerque, novos espaços na fronteira entre a cidade e o deserto, uma obra de maturidade surpreendente para um jovem estudante de fotografia.

Alguns elementos que encontraremos em sua primeira grande série, a *Vistas* das cidades, já aparecem nestas fotografias: a claridade, a definição, a vista de um ponto alto. Coincidindo com

sua mudança para Boston, Nixon dá um passo além, optando pelo uso da câmera de grande formato, de 8 x 10 polegadas, sua principal ferramenta a partir de agora. Com ela, o negativo é tão grande que não requer ampliação e o resultado são imagens com uma nitidez extraordinária.

As vistas de Boston e Nova York fazem parte da primeira série desenvolvida por Nixon entre 1974 e 1975. Estas fotografias fizeram parte de uma das exposições mais influentes da história da fotografia, organizada em 1975 pela George Eastman House, *New Topographics: Photographs of a Man-altered Landscape*.

A partir de 1977 Nixon se concentra principalmente em retratos, um gênero que se encaixa em seus interesses e valores pessoais e que são transferidos para seu trabalho diário. Caminha com sua câmera pelas margens do Rio Charles, perto de Boston, e mais tarde por outros bairros pobres do sul da Flórida e do Kentucky. As fotografias se localizam nas margens do rio, nas praias e especialmente nas varandas das casas, espaços de transição entre o público e o privado. Um projeto no qual trabalhará até 1982, enquanto melhora cada vez mais suas habilidades com a



View of Battery Plaza, New York City
[Vista da Battery Plaza, Nova York], 1975

câmara de grande formato, como se fosse uma leve câmera manual que passa quase despercebida. As imagens nunca perdem a sua frescura, apesar do complexo e longo processo, e as composições vão ficando mais complicadas conforme a série progride.

Em 1984 uma nova reviravolta ocorre no trabalho de Nixon. Ele passa a se concentrar em uma questão que vai acabar se tornando uma nova série, sobre uma questão a qual voltou a retratar posteriormente: os idosos que moravam no asilo que visitava como voluntário.

Este trabalho lhe ocupará vários anos, embora o tema se repita ao longo de várias décadas, devido ao seu trabalho como voluntário em asilos e hospitais. Agora há uma nova relação entre

o fotógrafo e os retratados, os quais conhece pessoalmente. A experiência direta e o interesse pelas pessoas no final de suas vidas estão presentes daqui em diante. Há também uma notável mudança na abordagem do tema, uma abordagem física; em primeiro plano, às vezes os detalhes de mãos ou rostos exaustos que retratam toda uma vida.

O próximo projeto que Nixon aborda tem uma evidente continuidade com a série anterior. É o *People with AIDS* (1988), que mais tarde virou um livro. Nele, descreve a sequência de quinze vidas afetadas pela AIDS, bem como cartas e conversas transcritas por Bebe, sua esposa. Alguns artistas e intelectuais, que viram amigos e conhecidos morrerem, desempenharam um

papel ativo em dar visibilidade à doença e tratá-la como tal, acima de significados morais ou sociais. Nixon não é um ativista, mas neste projeto se envolveu de forma muito clara para fornecer uma crônica honesta e verdadeira destas vidas ao entrar em suas privacidades, para compreender o sofrimento dos pacientes e seus entes próximos.

Nixon começou a fotografar sua esposa desde que se conheceram na década de setenta, seu filho Sam desde seu nascimento em 1983, e dois anos depois sua filha Clementine. Nixon revela a intimidade, a proximidade da câmera sugere algo tátil, como se estivesse acariciando com sua câmera. As fotografias de seus filhos estendem-se até a idade adulta; Bebe, no entanto, é um tema permanente, mostrando visualmente a intensidade da relação. Seus retratos transmitem paixão, que se torna ainda mais evidente ao longo dos anos. Esta coleção de imagens torna-se um diário de suas vidas juntos, pois Nixon trabalha continuamente e Bebe está sempre lá, uma parceria que gerou alguns dos retratos mais intensos da fotografia contemporânea, tanto quanto os de Rebecca Strand e Georgia O’Keeffe, de um século atrás.

A partir dos anos 2000 Nixon não trabalha com uma

série fechada, mas retorna uma ou outra vez às suas principais obsessões. Em sua série *Casais* não prepara as cenas, mas participa delas, e quando cria um clima de confiança, a fotografia vem sozinha, ele só tem que disparar a câmera. Torsos, braços, bocas, formas quase abstratas que falam da intensidade, tanto física quanto emocional, que há em um relacionamento. O nu na fotografia nunca foi fácil, pois tem sido associado mais com o sexo do que com o retrato; aí está o valor destas fotografias que transmitem intimidade, paixão, alegria; imagens cotidianas de como nós compartilhamos nossas vidas.

Na primeira década deste século Nixon volta ao topo de Boston em uma nova versão das vistas dos anos setenta. É um fotógrafo com um longo caminho percorrido, sua carreira já entra na quinta década, nunca parando de investigar e experimentar.

Esta intensa atração que sente por seus projetos que resgata ao longo dos anos, levou-o a desenvolver um olhar diferente sobre a cidade, cujas formas são um elemento definidor: a extraordinária confusão visual que os anéis viários das cidades criam, o confronto entre a cidade velha e a nova, que se mesclam como em um jardim exótico onde as plantas nativas sobrevivem entre as estrangeiras. Vistas distantes, vistas próximas também lhe servem como uma desculpa para continuar a experimentar com uma câmera de formato ainda maior, 11 x 14 polegadas, que permite ver

The Brown Sisters
 [As Irmãs Brown], 1975
 Acervos Fundación MAPFRE

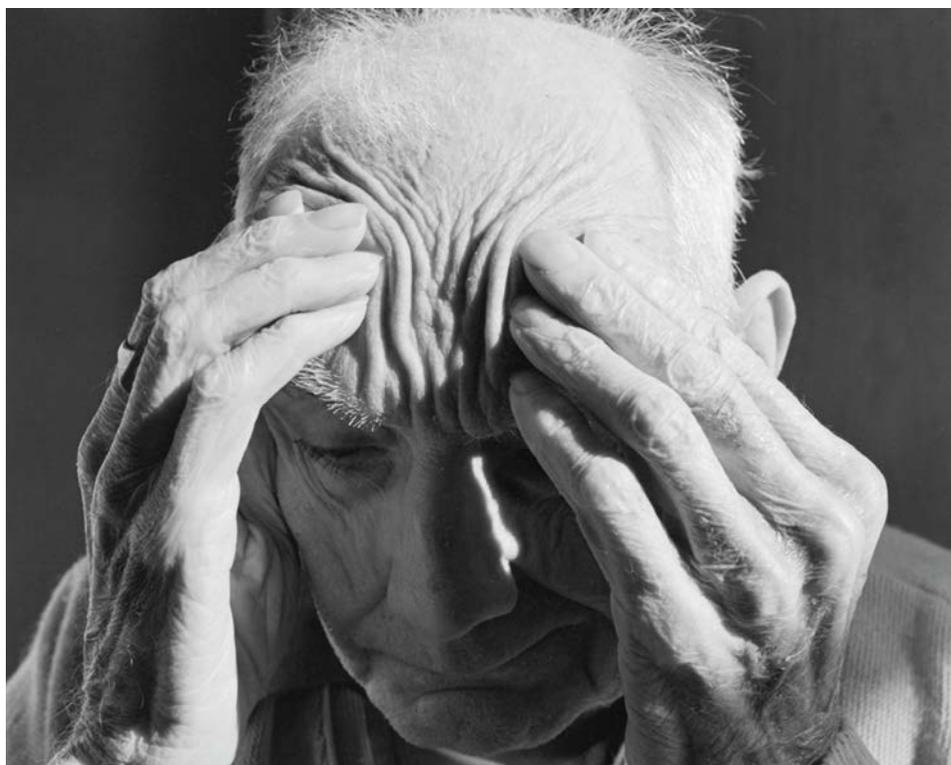


The Brown Sisters
 [As irmãs Brown], 1995
 Acervos Fundación MAPFRE



The Brown Sisters
 [As irmãs Brown], 2016
 Acervos Fundación MAPFRE





F.K., Boston, 1984

muito mais do que os olhos veem à primeira vista.

O trabalho de Nixon foi amadurecendo em assuntos mais íntimos, mais pessoais, explorando os conteúdos de seus trabalhos anteriores, onde a atração pela abstração e pela síntese voltam a ser protagonistas. Na última década, Nixon voltou a focar no retrato: primeiros planos, às vezes apenas o rosto, quase nus. Neles, elimina-se o supérfluo para concentrar-se melhor no personagem. Sua concentração no rosto tem a ver com a confiança na expressão individual, no poder do sujeito e no papel que desempenha em sua própria representação, incluindo a complicada relação das pessoas com seus corpos. Nixon facilita a imprescindível interação entre o

fotógrafo e o modelo para quebrar essa barreira. Como resultado, ele mostra uma grande variedade de pessoas: recém-nascidos, crianças, pacientes hospitalizados, idosos que nos mostram a fragilidade e a misteriosa capacidade de resistência do ser humano.

A série *As Irmãs Brown* é sem dúvida o trabalho mais conhecido de Nicholas Nixon; é composta por retratos de sua esposa Beverly Brown (Bebe) e suas três irmãs, tirados todos os anos desde 1975. A partir deste simples ponto de partida, Nixon criou uma das pesquisas mais convincentes da fotografia contemporânea sobre o retrato e o tempo.

Estas fotografias têm um ar de álbum de família que nos leva de volta aos momentos e

emoções passadas. Mas o que desconserta e fascina nesta série, no caminho entre a objetividade documental e a intimidade emocional, é a mudança, o ritmo dentro da reiteração. Cada fotografia vai tomando forma e sentido ao se juntar às outras, e é dentro da série onde adquirem força total.

Esta série foi a primeira aquisição que iniciou a coleção de fotografias da Fundación MAPFRE em 2009. Também faz parte de coleções importantes, como o MoMA, em Nova York, o Museum of Fine Arts de Houston, a National Gallery of Art, em Washington, ou da Fundação A de Bruxelas.

Um pequeno grupo de fotografias, as últimas feitas por Nicholas Nixon, fecham a exposição. Elas são menos significativas quanto aos temas, mas grandes em termos de conteúdo.

O olhar de Nixon para na escada de sua casa, onde há folhas espalhadas como constelações, nas cortinas balançando com o ar, no olhar de um personagem em um quadro que sempre esteve lá, na última luz da tarde que gera um jogo de sombras na varanda. A luz, sempre presente em seu trabalho, e a casa, esse paraíso interior, mínimo e real. Estas fotografias não têm nenhuma função relevante, simplesmente buscam o puro prazer, a magia renovada da fotografia que evoca momentos que jamais serão repetidos. ✕

A ELEIÇÃO DO CURADOR

CARLOS GOLLONET*

A partir de 1977 Nixon começa a percorrer as margens do Rio Charles, perto de Boston. Um projeto no qual trabalhará até 1982. Aqui melhora cada vez mais suas habilidades com a câmara de grande formato, como se fosse uma leve câmara manual que passa quase despercebida, ainda que seu trabalho se baseie precisamente em um processo colaborativo. Nixon ganha a confiança das pessoas e consegue fazer com que mostrem essa naturalidade que torna essas imagens tão reais sem que percamos a sua frescura e autenticidade, apesar de ser um processo contínuo de composição.

Hyde Park Avenue, Boston, 1982 é um exemplo extraordinário destas composições que vão ficando mais complicadas conforme a série progride, mas a manipulação do quadro é feita de modo que este se torne invisível e as conotações familiares, sociais e psicológicas que cercam esses grupos marginais passem a estar em primeiro plano. A atmosfera é um personagem a mais na cena; mistério e realidade se misturam, naturalmente, como nos romances de Faulkner, é mais fácil discernir influências literárias do que fotográficas nestas imagens.

Mas, será que ninguém notou que havia um fotógrafo na frente deles com uma câmara gigante em cima de um tripé, antiquada, imortalizando aquele momento iluminado e espontâneo que permanecerá para sempre? Sim, parece que a criança no canto superior esquerdo está olhando para o intruso, mas e os outros? Quantas histórias podemos vislumbrar nesta cena? Bem, surpreendentemente, eles se esquecem do fotógrafo e tudo gira, como na foto, ao redor da menina do centro, com cara de chateada e um olhar perdido. Talvez aconteceu algo que irritou ela e o menino à sua esquerda lhe olha com desdém, a menina de trás sai da porta com seus irmãos para ver se lhe passa o aborrecimento. Acima dela, uma mãe com seu filho olhando para algo que lhe chama a atenção fora do enquadramento,



Hyde Park Avenue, Boston, 1982

o grupo em primeiro plano também, mas para o outro lado e, finalmente, atrás há um casal se beijando apaixonadamente como se estivessem sozinhos... É possível encontrar e isolar mais histórias em um único disparo? Acho que não. Mas o que essa fotografia nos ensina é a parar e pensar sobre o quão ativa é a inteligência criativa deste fotógrafo para reconhecer, antecipar e gravar o que sem este enquadramento extraordinário não existiria jamais. ✕

* Carlos Gollonet é curador-chefe de fotografia da Fundación MAPFRE e curador da exposição Nicholas Nixon. É também editor de livros de fotografia.



Amou omi
130

Zuloaga na Paris da Belle Époque, 1889-1914

TEXTO: PABLO JIMÉNEZ BURILLO E LEYRE BOZAL CHAMORRO

A exposição *Zuloaga na Paris da Belle Époque, 1889-1914*, que poderá ser visitada na sala Recoletos da Fundación MAPFRE, em Madrid, do dia 28 de setembro ao dia 07 janeiro de 2018, pretende proporcionar uma nova visão da obra do pintor basco Ignacio Zuloaga, cujo trabalho, que é desenvolvido em sua maior parte em Paris durante a virada do século, se mostra em perfeita harmonia com o mundo moderno em que está inserido, tanto na temática quanto formalmente. As pinturas deste artista, que se encontra entre a cultura francesa e a espanhola, excede muito os limites da historiografia tradicional da arte: uma obra convencionalmente ligada à geração de 98 e, portanto, conhecida como “A Espanha Negra”.

Críticos como Charles Morice ou Arsène Alexandre, poetas como Rainer Maria Rilke, artistas como Émile Bernard e Auguste Rodin estavam entre aqueles que, no final do século, consideraram o trabalho do pintor basco como uma referência a mais no debate artístico que levou à modernidade. Seguindo essa linha, mais desconhecida na Espanha, a exposição que apresentamos visa mostrar como a produção artística de Ignacio Zuloaga combina um profundo sentido de tradição com uma visão totalmente moderna, especialmente ligada à Paris da Belle Époque e ao movimento simbolista com que se relaciona. Foi à luz desta Paris brilhante e dinâmica, de antes da guerra, o centro do gosto artístico e literário, onde Zuloaga brilhou com uma luz própria e reconhecível, em um caminho paralelo e comparável ao de muitos dos melhores artistas do momento: o “elegante” James Abbot Whistler, o “dandy” Boldini, ou os representantes da pintura da Belle Époque por excelência, Sargent, Jacques-Émile Blanche e Antonio de la Gandara, entre outros.

Anos que chegarão ao fim em 1914, não tanto pela trajetória do próprio Zuloaga que, após ter encontrado sua própria voz e seu lugar no cenário internacional, continuará a trabalhar dentro de uma mesma abordagem, mas sim porque Paris e a Europa, de antes e depois da Grande Guerra, serão completamente diferentes. Estamos na presença de uma etapa fundamental do mundo moderno, na qual se estabelece uma fronteira que dará lugar à consolidação de um novo cenário: a contemporaneidade.

Ignacio Zuloaga, seus primeiros anos

O trabalho de Ignacio Zuloaga se desenvolve entre duas culturas, a espanhola e a francesa, pois ele chega à Paris pela primeira vez no final de 1889, onde viveu de forma intermitente durante mais de 25 anos. Após sua chegada à capital, o pintor se encontra, entre outros, com Santiago Rusiñol, Isidre Nonell, Hermenegildo Anglada Camarasa, Joaquín Sunyer e o jovem Pablo Picasso. Assiste, junto com Jacques-Émile Blanche, às aulas dadas por Henri Gervex, admirador de Édouard Manet, na Academie Verniquet. É provável que aí também tenha conhecido Degas, a quem ele admira profundamente e afirma: “Eu sinto

Ignacio Zuloaga
Retrato de Émile Bernard (detalhe), 1897-1901
Acervo particular, Bilbao
Foto: Juantxo Egaña
© Ignacio Zuloaga, VEGAP, Madrid, 2017

por este homem a mais profunda admiração. Ele é o maior artista de nosso tempo”.

Em 1892 viaja à Andaluzia, onde voltará em 1895 para uma estadia mais prolongada. Encontra, em Alcalá de Guadaíra e Sevilha, uma realidade muito diferente da parisiense, uma sociedade, costumes e valores que os viajantes românticos consideravam exóticos e que os escritores e pintores espanhóis descreveram em suas narrativas e quadros. Zuloaga não é alheio a esta tradição, e a representa em obras polémicas como *Véspera da Corrida*, negada pelo comitê espanhol para participar da Exposição Universal de Paris de 1900, na qual Sorolla, pelo contrário, alcançou grande êxito.

A Paris de Zuloaga

Entre 1892 e 1893 o pintor basco participa da Academie de la Palette onde, além de Gervex, também participa Eugène Carrière - uma das futuras testemunhas de seu casamento - e Puvis de Chavannes. Entra em contato com Louis Anquetin, Henri Toulouse-Lautrec, Jacques-Émile Blanche, Maxime Dethomas, seu futuro cunhado, Maurice Barrés e conhece Paul Gauguin, o artista mais famoso do grupo de Pont-Aven, na Bretanha francesa. Com a mediação de Paco Durrio, expõe duas pinturas na Le Barc de Boutteville em 1891 junto aos simbolistas e Nabis: Maurice Denis, Edouard Vuillard, Paul Sérusier, Pierre Bonnard, Toulouse-Lautrec e Émile Bernard.

O artista basco participa nas edições seguintes desta mostra, nos anos 1892, 1893 e 1894, respectivamente, e também na mostra dedicada ao retrato *Les portraits du prochain siècle*, realizada na mesma galeria, na rue Le Peletier, em 1893. A partir daí, o artista aplicará em sua pintura alguns dos princípios que animam esses pintores, tentando unir forma e conteúdo e, ao mesmo tempo, dando à obra um forte conteúdo espiritual. Na exposição encontramos exemplos dessas confluências e relações amistosas em obras como *Auto-retrato* de Gauguin, dedicado a Carrière, *SousBois (Le Huelgoat)* de Serusier ou na *Vue de la Terrasse de Saint Germain-en-Laye*, citando apenas alguns exemplos.



Ignacio Zuloaga
Retrato da condessa Mathieu de Noailles, 1913

Museu de Belas Artes de Bilbao
Foto: © Bilboko Arte Ederren Museoa-Museu de Belas Artes de Bilbao
© Ignacio Zuloaga, VEGAP, Madrid, 2017

Zuloaga e seus grandes amigos: Émile Bernard y Auguste Rodin

Em 1897 Ignacio Zuloaga se encontra pela primeira vez com Émile Bernard em Sevilha. A partir deste momento inicia-se uma grande amizade, que é reforçada através da visão que compartilham da arte e também pela admiração comum pelos “velhos mestres”: El Greco, Zurbarán, Goya, Tintoretto e Tiziano, entre outros. Neste mesmo ano, Zuloaga faz um retrato de Bernard em clara sintonia com o estilo do francês - *Retrato de Émile Bernard* -, e ainda é escolhido para ser padrinho de um de seus filhos, Fortunato. Da outra parte, o pintor francês faz *Mendiants espagnols*, na qual as cores e a sobriedade das figuras evidentemente remetem à Zuloaga e *Danse de Gitans*, a qual dedica e presenteia o pintor basco.

Juntamente com Bernard, ao longo dos anos, Auguste Rodin se transforma em um dos grandes amigos do pintor basco. O escultor e Zuloaga realizaram várias exposições em conjunto: Düsseldorf em 1904, Barcelona em 1907, Frankfurt em 1908 e Roma em 1911. Viajaram juntos para a Espanha e trocaram trabalhos em mais de uma ocasião. Zuloaga recebeu obras como *Iris*, *L'Avarice et la Luxure* e o busto de Mahler, que guardou em sua coleção particular. Por sua vez, Zuloaga deu à Rodin *El Alcalde de Torquemada*. Além desta grande admiração mútua, ambos perpetuaram seus trabalhos através do tempo e levaram em conta a tradição, recusando-se a copiar a natureza como ela é apresentada,

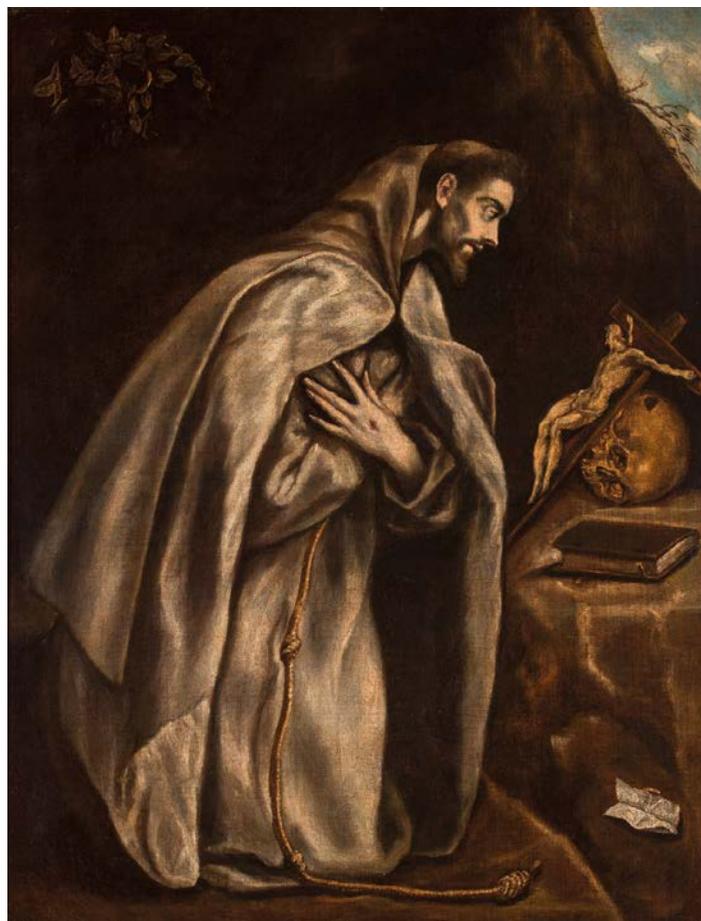
buscando, por outro lado, o caráter do que representavam.

O retrato moderno

O século XIX foi o século do retrato. Nas capitais como Paris ou Londres o gênero experimentou um grande desenvolvimento, uma vez que se tornou uma forma de afirmação social. A nova classe ascendente, a burguesia, transformou o gênero e a relação com o artista: além de funcionar como um instrumento de promoção social, passa a ser também um meio de investimento. O artista, consciente desta transformação, se torna

“empresário”, pois através destas pinturas passa a obter um retorno econômico significativo. Giovanni Boldini, Antonio de La Gandara, John Singer Sargent ou Jacques-Émile Blanche são alguns dos representantes dessa nova geração de artistas, que dedicam grande parte de sua produção à realização de retratos de pessoas conhecidas na sociedade.

Ao lado deles também se encontra Ignacio Zuloaga, que integra, naturalmente, a elite intelectual da capital e que tem um lugar de destaque neste ambiente conhecido como ‘a Paris da Belle Époque’. Essa nova



El Greco (Doménikos Theotokópoulos)
São Francisco, 1609
Acervo particular
(Obra pertencente à coleção de Ignacio Zuloaga)
Foto: Juantxo Egaña



Pablo Picasso
La Célestine (La femme à la taie) [Celestina], 1904
 Musée national Picasso Paris.
 Doação de Fredrik Roos, 1989
 Foto: © RMN-Grand Palais
 (musée national Picasso - Paris) /
 Mathieu Rabeau
 © Sucessão Pablo Picasso.
 VEGAP, Madrid, 2017

clientela endinheirada procura os mais famosos pintores para serem imortalizados, como vemos no famoso *Retrato da condessa Mathieu de Noailles*.

O olhar para a Espanha

Com apenas vinte anos, Ignacio Zuloaga investiu cinquenta francos na compra de uma pintura atribuída à El Greco. A partir desse momento, começou a montar uma coleção de obras com especial atenção para os pintores espanhóis que mais admirava: El Greco, Zurbarán, Velázquez e Goya. Até 1908, o núcleo desta coleção estava totalmente definido; nela encontravam-se até 12 obras

atribuídas à El Greco, entre as quais *La Anunciación* e *San Francisco*, bem como *Visión del Apocalipsis* comprada em Córdoba em 1905 e que agora pertence ao Metropolitan Museum of Art. O testemunho de sua admiração por Goya são, entre outros, os três quadrinhos que representam cenas dos *Desastres*, adquiridos no leilão da Coleção Shchukin, também amigo seu. Destes, dois estão presentes na exposição. Zurbarán e Velázquez foram outros de seus grandes mestres. Sobre o primeiro, em uma de suas cartas à Émile Bernard, Zuloaga diz: “Que enérgico o Zurbarán é, né? Que esplêndido pintor! Me parece mais grandioso

que Velázquez, mais ingênuo, mais espanhol”.

De volta às raízes

Muitas dessas obras pintadas por Zuloaga, de uma Espanha Negra, pelas quais é tão conhecido, devem ser entendidas no contexto da Paris cosmopolita em que vivia e desenvolvia sua trajetória artística. Uma cidade na qual o grupo dos simbolistas cobra cada vez mais um maior protagonismo e onde o afã da autenticidade faz com que muitos artistas escapem da capital em busca de um mundo puro, não contaminado. O exemplo mais claro é o de Gauguin, mas outros artistas como Bernard e Cottet também viajaram, além do pintor basco, que parece fazer uma viagem sem volta: da França, volta para a Espanha para encontrar suas raízes, as raízes espanholas, o Zuloaga mais autêntico.

Nesta volta, o pintor se encontra com alguns de seus companheiros, com os quais divide iconografia: bailarinas, celestinas e anões também ocupam o olhar de Picasso e Anglada Camarasa.

O *Retrato de Maurice Barrés*, com o qual a exposição é fechada, resulta em um excelente exemplo desta viagem, pois une os dois aspectos fundamentais de sua produção artística: o francês e o espanhol, enquanto homenageia a figura de El Greco, um dos artistas mais admirados neste momento. Não somente a nível estilístico, mas também porque exemplifica com seu trabalho, assim como Zuloaga, a modernidade unida a um profundo sentido da tradição. ⊗

A ELEIÇÃO DO CURADOR

PABLO JIMÉNEZ BURILLO*
LEYRE BOZAL CHAMORRO**

Em 1898 Zuloaga pintou *Véspera da Corrida* na cidade sevilhana de Alcalá de Guadaira, uma obra que mostrava esse mundo de luz e pintoresquismo folclórico conhecido como “período branco” do pintor ‘eibarrés’: um conjunto de pinturas de temática andaluza - entre as quais vale citar, entre outras, *El paseo después de la corrida* (1901), destruída na Segunda Guerra Mundial e *Mujer de Alcalá de Guadaira* (1896), onde os protagonistas são os ambientes das touradas, as ciganas e mulheres com blanquetas. Em *Véspera*, algumas mulheres observam do topo de uma colina a reclusão dos touros que seriam enfrentados no dia seguinte.

Depois de ganhar a primeira medalha em 1898 na exposição de Belas Artes de Barcelona, a obra foi rejeitada pelo júri espanhol para a inclusão na Exposição Universal de Paris de 1900 que preferiu o mais social Joaquín Sorolla e sua *Triste herencia*, entre outras. Esta decisão provocou não só a indignação do próprio artista, mas também de um grande número de críticos, que escreveram longamente sobre a injustiça que havia ocorrido e defenderam sua pintura, na qual admiravam a influência de Goya e Velázquez, mas também destacavam a influência de Manet. Finalmente, o quadro foi exposto na exposição de La Libre Esthétique, em Bruxelas, antes de ser adquirido nesse mesmo ano pelo Estado belga.

A partir desse momento, a “Espanha branca”, brilhante, alegre e cheia de vida, que bebia de fontes naturalistas e impressionistas, representada por Sorolla, conviveu com a chamada “Espanha negra”, influenciada pelo simbolismo e pela decadência finissecular: a Espanha da tragédia, do profundo e incompreensível, às vezes mágica, mas sempre profundamente trágica. De acordo com este ponto de vista, Zuloaga seria o grande representante desta Espanha negra, que teria a sua gênese na gravidade da pintura do Século de Ouro e na estética velazquenha, uma tradição que viveria seu



ápice com as Pinturas negras (1819-1823, Museo del Prado, Madrid) de Francisco de Goya e que, depois de Zuloaga, podemos encontrar não apenas no Picasso “azul”, mas também em artistas como José Gutiérrez Solana e Antonio Saura e até mesmo nos filmes de Luis Buñuel e Pedro Almodóvar. É um mundo que começa no Século de Ouro, e que chegou até nós em partes, um passado imediato que, como sugerido por Stefan Zweig em seu livro autobiográfico *O mundo de ontem: Memórias de um Europeu*, se desintegra rapidamente e de modo que quase não chegamos a conhecer. ☒

Ignacio Zuloaga
Véspera da Corrida, 1898

Musées royaux des Beaux Arts de Belgique, Bruxelas
© Ignacio Zuloaga, VEGAP, Madrid, 2017

* Pablo Jiménez Burillo, curador da exposição Zuloaga na Paris da Belle Époque, é diretor do Departamento de Cultura da Fundación MAPFRE. Foi assessor de Artes Plásticas para o Centenário de Juan Ramón Jiménez e para a Sociedade Estatal de Comemorações Culturais. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte, da Comissão Executiva da Associação Amigos de Arco e foi reconhecido primeiramente como Cavaleiro e, em seguida, como Oficial da Ordem das Artes e Letras da República Francesa. Publicou em 2013 pela Universidade de Medellín (Colômbia), o livro de poemas *Esto no es el amor*.

** Leyre Bozal Chamorro é conservadora de coleções da Fundación MAPFRE desde 2009. Licenciada em História da Arte pela Universidade Complutense, lecionou História da Arte e Semiótica no Instituto Europeo di design (IED). Participou de várias publicações, entre as quais se destacam *Suite Vollard. Pablo Picasso. 1930-1937 Coleções Fundación MAPFRE*, *La mano con lápiz. Dibujos del Siglo XX. Acervos Fundación MAPFRE*, *Francisco de Goya. Desastres de la Guerra. Acervos Fundación MAPFRE* e *Retorno a la belleza. Obras increíbles da arte italiana no período entre guerras*.



O inferno segundo Rodin

TEXTO: BLANCA DE LA VALGOMA

A Fundación MAPFRE apresenta na Casa Garriga Nogués em Barcelona a exposição *O inferno segundo Rodin*, que poderá ser visitada de 11 de outubro de 2017 até 21 de janeiro de 2018. Esta exposição convida o público a explorar a criação de um dos ícones da arte do final do século: *Porta do Inferno*, de Auguste Rodin.

Considerada como a obra central da carreira do escultor francês, que trabalhou nela durante mais de vinte anos, esta obra monumental oferece uma visão espetacular do inferno, febril e tormentoso, mas também sensual e evocativo.

Em 1880, o Estado francês pediu a Rodin, até então um escultor pouco conhecido, que criasse uma porta para um futuro museu de artes decorativas. Este trabalho, modesto no início, rapidamente se tornou o projeto mais importante de sua carreira. Durante a década seguinte, o artista trabalhou febrilmente tanto na dimensão arquitetônica da *Porta*, refletindo sobre a composição do conjunto, como nos personagens que surgem, se amontoam e brotam dela. Rodin

começou usando o Inferno da *Divina Comédia* de Dante como inspiração, mas, à medida que avançava em seu trabalho, estava cada vez mais influenciado pela ambiguidade e sensualidade de *As Flores do Mal*, de *Baudelaire*, cuja primeira edição foi ilustrada por Rodin entre 1887 e 1888.

Os numerosos grupos e figuras de condenados que Rodin reúne em *Porta do Inferno* constitui um autêntico repertório de formas que reutilizará até o fim de sua carreira, com uma invenção sempre renovada e uma capacidade expressiva sem igual na sua época. Fascinado pelo corpo, seja doloroso, violento ou erótico, Rodin projetou, modelou e retrabalhou em suas criações incessantemente para capturar e expressar todos os impulsos da alma. Muitas de suas obras mais conhecidas são provenientes desse projeto. Entre elas, *O Pensador*, *O Beijo*, *Ugolino* e *As Três Sombras*. A leitura de *Porta do Inferno* permite apreciar, portanto, a maior parte do trabalho de Rodin. É uma síntese de suas investigações estilísticas e um ponto de partida para numerosas variações permitidas pelas suas técnicas preferidas: fragmentação, montagem, ampliação, redução, repetição, o inacabado...

A exposição reúne uma centena de esculturas e cerca de

trinta desenhos de uma grande força expressiva e delicadeza que raramente foram expostos, bem como várias maquetes e modelos que permitem seguir o processo criativo do escultor e a evolução que a *Porta* foi sofrendo ao longo dos anos. Assim, esta exposição permite admirar a *Porta do Inferno* e as esculturas que fizeram parte ou que surgiram a partir dela, mas também observar a evolução de toda a trajetória de Rodin e acompanhar o processo de criação de um dos artistas mais emblemáticos do final do século.

A exposição *O Inferno segundo Rodin* foi organizada pela Fundación MAPFRE e pelo Museu Rodin de Paris e conta com os empréstimos excepcionais deste museu.

Rodin em 1880

A exposição começa com uma pequena seção que contém os primeiros esboços, tanto em papel quanto em três dimensões, que Rodin realizou para determinar a estrutura geral que a porta teria. Esses esboços mostram como o artista foi inspirado, primeiramente, por modelos renascentistas, como a *Porta do Paraíso* de Lorenzo Ghiberti, com um desenho geométrico e racional, e como ele gradualmente se liberou desse esquema rígido até criar uma porta mais complexa e imbricada,

Página anterior:

Le désespoir, ca. 1881-1885

Musée Rodin, Paris. S.03836

© agence photographique du musee Rodin-Pauline Hisbacq



que refletisse melhor o espírito do final do século.

Esses esboços também nos permitem observar como as figuras principais já tinham sido colocadas desde o primeiro momento: *As Três Sombras* - uma evolução da figura de *Adão*, que inicialmente flanquearia a porta juntamente com *Eva* -, *O Pensador* - que representa Minos, o juiz que atribui um dos círculos a cada condenado, mas também Dante meditando sobre sua própria obra e, ainda, qualquer criador e até mesmo o próprio Rodin, *Ugolino* e *O Beijo* podem ser reconhecidos já nos primeiros esboços da *Porta*.

A inspiração dantesca

A segunda seção da exposição explora o modo como Rodin interpretou o Inferno de Dante na *Divina Comédia*. Como muitos outros artistas antes

dele, Rodin ficou fascinado com o poema italiano, escrito no início do século XIV pelo poeta florentino Dante Alighieri. O escultor nunca teve a intenção de oferecer uma leitura linear do poema, nem descrever os nove círculos pelos quais Dante passa até chegar ao Paraíso, mas procura uma interpretação livre, na qual se afasta do anedótico e busca transmitir a essência do sofrimento dos condenados. Sua ligação com o texto é sutil, às vezes tênue, e muitas vezes são as notas que acompanham as obras, particularmente os desenhos, que nos fazem entender sua relação com a *Divina Comédia*.

Rodin mostra um interesse especial por alguns episódios, que ele desenvolve em numerosos desenhos e esboços antes de esculpi-los, enquanto outros são ignorados. Por exemplo, a história

Tympan de la Porte de l'Enfer, 1887-1889

Musée Rodin, Paris. S.05729

© musee Rodin (photo Beatrice Hatala)

do conde Guido de Montefeltro, que ocupa um lugar residual no poema de Dante, parece ter despertado muito interesse em Rodin, ao qual lhe dedica muitos desenhos. Ele também dedica muitos desenhos e esculturas à história de Paolo e Francesca e à de Ugolino devorando seus filhos, mas geralmente concentra seus esforços na representação de condenados anônimos – os quais ele frequentemente chama de “sombras” -. Na maioria das vezes, as figuras que Rodin realiza neste momento são homens que se encontram trancados em si mesmos, refletindo sobre sua culpa e punição. À medida que o tempo passa e o trabalho avança, Rodin se afasta cada vez mais da fonte inicial. Os temas que ele

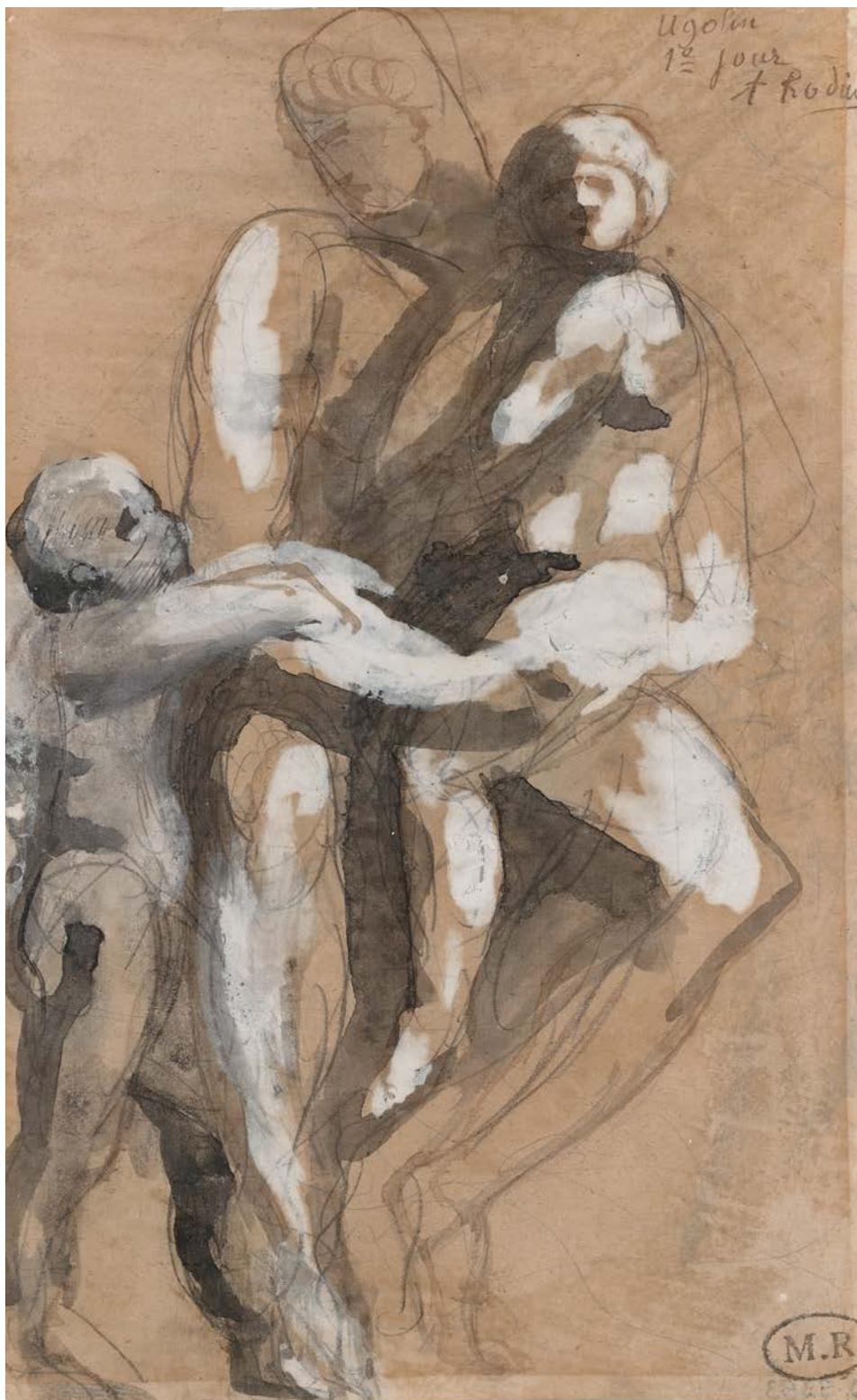
cria começam a assumir novos significados e a se adaptarem a novas inspirações. Na verdade, a maioria dos desenhos inspirados em Dante, por serem pouco caracterizados, poderiam se referir a vários temas tirados do *Inferno* e se dedicarem a novas pesquisas sobre assuntos completamente diferentes, sugerindo interpretações que poderiam ser contraditórias. No desenho, como na escultura, a polissemia dos temas criados por Rodin foi imposta desde o início da década de 1880.

A inflexão baudelairiana

Em meados da década de 1880, Rodin foi encarregado de ilustrar um exemplar do *Flores do Mal* de Baudelaire, uma das obras mais influentes na sensibilidade do final do século francês. Tal como acontece com o *Inferno* de Dante, Rodin não fez o trabalho de um ilustrador, mas respondeu a esses poemas, que giram em torno de paixões humanas, muitas vezes buscando transcrever a atmosfera de alguns versos em vez de tentar resumir o poema inteiro.

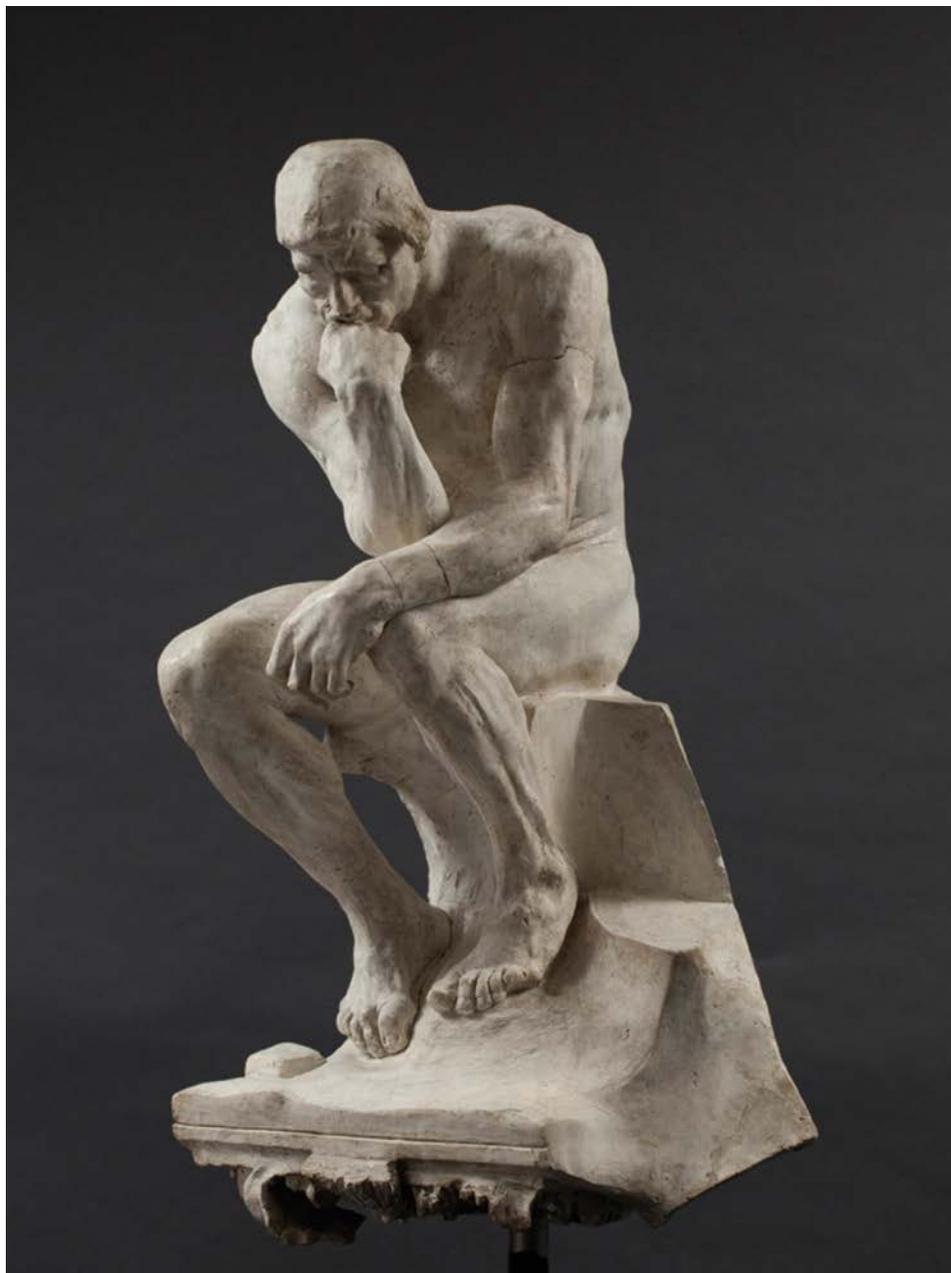
A terceira seção da exposição mostra a relação entre os desenhos feitos para *Flores do Mal* e as esculturas que fazem parte da *Porta*, um reflexo da transformação que o trabalho sofre por influência da poesia de Baudelaire.

Os poemas que compõem esta obra imediatamente influenciaram Rodin e, portanto, nas formas que ele estava criando para a *Porta do Inferno*, dando-lhes um caráter muito mais ambíguo e sensual. Frente às suas primeiras figuras



Ugolin et ses enfants, premier jour, 1884

Musée Rodin, Paris. D.09393
© musee Rodin (photo Jean de Calan)



Le Penseur, sur élément de chapiteau, 1881-1888
Musée Rodin, Paris. S.03469
© agence photographique du musee Rodin - Pauline Hisbacq

A busca sem fim de molduras ideais

A próxima seção é dedicada à preocupação de Rodin pelos aspectos mais arquitetônicos da *Porta*. Uma vez que o museu para o qual a *Porta* estava destinada ainda não tinha sido construído e, portanto, não se conhecia a aparência da fachada na qual a *Porta* deveria ser integrada, o escultor foi forçado a criar sua própria estrutura arquitetônica. Claro que a *Porta* tornou-se uma obra autônoma que nunca poderia ser aberta, mas é marcada por essa origem de várias maneiras. Primeiramente deveria servir de passagem, de entrada a um lugar especial, mas também tinha que mostrar aos visitantes e aos transeuntes, no espaço público, um exemplo do que a arte de seu tempo poderia produzir em matéria de escultura aplicada ao ornamento.

Na falta de um projeto arquitetônico no qual ela teria que ser inserida, Rodin acabou concebendo não só algumas folhas, mas também tudo ao seu redor. A *Porta* é assim organizada através de grandes linhas verticais e horizontais, que Rodin anima com várias molduras e com volumes proeminentes que criam um conjunto muito poderoso de luzes e sombras. Para isso, ele se inspirou nos inúmeros edifícios civis e religiosos que admirou durante suas viagens pela França e pela Itália ao longo de sua vida,

para a *Porta*, em que ele refletia fundamentalmente sobre o castigo, Rodin passa a meditar sobre a tentação e suas consequências. Ele abandona rapidamente a visão moral do mundo colocada por Dante e, em seu lugar, aparece uma visão amoral, que não julga os condenados, e muito mais

íntima, na qual o Inferno deixa de ser um lugar para se tornar um estado de alma. As mulheres começam a assumir um papel cada vez maior, estando mais expostas ao espectador e interagindo umas com as outras. Assim, a *Porta* é carregada com erotismo, dinamismo e voluptuosidade.

com uma predileção para o gótico tardio e o primeiro Renascimento. Ele reuniu toda a documentação gráfica de imagens presas nas páginas de um álbum e desenhos arquitetônicos copiados ao natural, em frente aos monumentos, que ele continuou realizando mesmo depois de abandonar seu trabalho na *Porta*. No entanto, modifica as características de certos elementos do vocabulário decorativo tradicional, como folhas de acanto e folhagem, criando perfis que, da base para o topo, são variados e nunca são idênticos.

Formas vivas, mais além da *Porta*

Finalmente, a exposição é fechada com uma grande seção que conta a evolução da *Porta*, com especial atenção à vida própria desenvolvida por muitos dos personagens presentes nela. No final de 1880, o projeto do museu de arte decorativa para abruptamente e a *Porta* não tem mais um destino. Rodin, agora um artista bem conhecido, recebe diversos trabalhos importantes que o mantêm ocupado durante a maior parte da próxima década. Então, ele deixa de trabalhar na *Porta do Inferno*, que permanecerá em seu ateliê, como um excelente cenário. No entanto, com quase sessenta anos, ele decide retirá-la e expô-la no Pavilhão da Alma, uma grande exposição retrospectiva que organiza devido a Exposição Universal de 1900. Por razões que ainda não são claras, Rodin exibiu sua obra-prima desprovida de todas as figuras que a formavam, o que causou a confusão do público

e dos críticos. A *Porta* ficou, assim, quase abandonada e não foi até o fim de sua vida, em 1917, quando decidiu recompô-la para finalmente fundi-la.

No decorrer do período de intensa criação iniciado em 1880, Rodin desenhou um grande repertório de figuras e grupos escultóricos. Embora nem todos tenham sido integrados na *Porta do Inferno*, ou pelo menos não imediatamente, o escultor reutilizou, a partir deste momento e até o final de sua carreira, figuras, grupos e fragmentos que foram transformados no ponto de partida para uma grande parte do

resto de sua obra. Alguns desses temas tornaram-se autônomos e foram expostos em gesso ou outros materiais como bronze ou mármore, enquanto outros foram montados com diferentes elementos, dando origem a novas obras, e outros, por sua vez, foram ampliados completamente ou em fragmentos a partir de 1890. Este processo gera uma profunda modificação de sua presença física em relação ao espectador, e faz com que esses as considerem como novas versões de obras antigas. Este é o caso de obras tão emblemáticas como *O Desespero*, *La Cariatide* e até *O Pensador* e *O Beijo*. ⊗



Troisième maquette de la Porte de l'Enfer, 1880
 Musée Rodin, Paris. S.01189
 © musée Rodin (photo Herve Lewandowski)



No coração de Karakorum

TEXTO: RAFAEL CONDE FOTOS: SEBASTIÁN ÁLVARO

Sebastián Álvaro é jornalista, dirigiu durante 27 anos “*Al filo de lo imposible*”, uma premiada série de documentários de aventura da Televisión Española, que se tornou referência no campo da difusão do mundo da aventura e das explorações. É autor de inúmeros livros de aventura e colabora com vários programas de rádio. Em 2001, iniciou junto à Asociación Sarabastall o projeto humanitário Hushé, localizado em uma aldeia no nordeste do Paquistão.

Estive contando a nossa história no Parlamento Europeu e não acreditavam. Parecia-lhes impossível que uns espanhóis loucos estivessem em plena maré Taliban realizando um projeto de cooperação



Como nasceu o Hushé?

Eu sempre senti uma atração especial pelo Karakorum, no norte do Paquistão. Comecei amando suas montanhas e acabei apaixonado por seu povo. Nas viagens que fiz à região para filmar os documentários da *Al filo de lo imposible*, conheci Karim, que, na minha opinião, é o melhor portador (nome dado à pessoa que ajuda com as cargas) de Karakorum, que nos acompanhou em todas as nossas expedições desde 83, tornando-se um amigo e um alpinista a mais de dentro da nossa equipe. Um dia ele me disse: você tem que ir à Hushé, minha aldeia, para ajudar meu povo. Fui conhecer o lugar e me pareceu incrível, uma aldeia remota em um vale remoto, o lugar ideal para situar Shangri-La. A partir desse momento eu fui lhes ajudando como podia, dando-lhes dinheiro, medicamentos e outros materiais, como costumam fazer algumas ONGs. Um dia fui dar uma palestra em Zaragoza, Caspe, e lá apresentei a ideia do projeto Hushé para a Fundación Sarabastall, e juntos decidimos iniciá-lo.

Como foram estes primeiros 17 anos de projeto?

No primeiro ano só fomos falar com as pessoas, ver quais eram suas necessidades e, a partir daí, articulamos um projeto que tem como base a educação, com a ideia dos regeneracionistas espanhóis de que só a educação te liberta e pode mudar as nossas vidas. Falar sobre isso no Paquistão, onde as crianças não têm o básico, era quase revolucionário.

Primeiro demos ênfase na educação, um pilar essencial. Até hoje, temos mais de 400 crianças com bolsas de estudos. E então começamos a trabalhar na saúde e higiene. Este ano levamos oito médicos e enfermeiras à Hushé. Nós também mudamos a forma que realizavam o cultivo agrícola, para fazer com que a dieta deles fosse mais variada e melhor, e essa foi uma mudança fundamental, indo além da ajuda econômica. E, finalmente, construímos um hotel de retiro, que será o pilar dentro do conceito de desenvolvimento sustentável do vale. No ano passado tivemos resultados extraordinários.

O exemplo estendeu-se a outras aldeias

Sim, a outros povos do mesmo vale. Começamos pela aldeia mais alta e agora estamos descendo. Quando uma avalanche levou um povo inteiro, nós ajudamos a reconstruir cinco casas. E assim, pouco a pouco, vamos

expandindo-nos. Já conseguimos com que as primeiras meninas que escolarizamos agora sejam parteiras. No ano passado, uma menina de 16 anos, casada desde os 14 anos, quase morreu ao dar à luz à seu segundo filho. Felizmente, uma das primeiras parteiras que formamos estava presente, ela e o médico ajudaram no parto da criança e salvaram a mãe.

Também queremos construir uma residência estudantil. Não vamos fazer a revolução, mas queremos deixar claro que as crianças têm que ser educadas, inclusive as meninas, e isso no norte do Paquistão é uma bomba.

Na tua profissão, há muita gente solidária, sensibilizadas na hora de divulgar os problemas das pessoas desfavorecidas, mas poucos atuam de verdade.

Eu sempre fui um homem prático e veemente. Quando chego à conclusão de que devo fazer algo, eu vou e faço. O projeto está indo tão bem porque eu me cerco de pessoas muito boas que vão para o Paquistão trabalhar voluntariamente, cobrindo suas próprias despesas, durante um mês ou dois. São médicos, professores, enfermeiros que dedicam seu mês de férias ao projeto. Não há nenhum dinheiro no mundo que os pague. Estive contando a nossa história no Parlamento Europeu e não acreditavam. Parecia-lhes impossível que uns espanhóis loucos estivessem em plena maré Taliban realizando um projeto de cooperação.

Eu sempre te vejo cheio de projetos, mas eu diria que agora com mais entusiasmo, se é possível. É assim mesmo?

Sim, em muitos aspectos, embora a maioria dos projetos, como o Hushé, não me tragam benefícios materiais, me dão muitas satisfações intelectuais e é isso que vale a pena na vida. Eu entendo a vida de uma maneira que tem a ver com o entusiasmo, com a paixão. Me envolvo em qualquer causa nobre que me proponham, por exemplo, o documentário sobre esquizofrenia que meu filho acabou de terminar. Me perguntaram em um congresso de psiquiatria: o que você poderia fazer com cinco pessoas com esquizofrenia e que pudesse ser usado para combater o estigma da doença mental? Qualquer coisa, eu disse, e decidimos levá-los ao Naranjo de Bulnes. No final, fizemos uma história bonita que será uma ferramenta para que as pessoas entendam a doença. ✕

5752



O naufrágio do Titanic

TEXTO: ANA SOJO

Curadora do Museu do Seguro da Fundación MAPFRE

É difícil imaginar um acidente mais conhecido, comentado e recriado que o naufrágio do *Titanic*.

O nome completo do transatlântico era *RMS Titanic* ou *Royal Mail Ship Titanic* cuja tradução literal é “Navio do Correio Real Titanic”, por ter a função de transporte para o Royal Mail.

Foi construído por ordem da White Star Line, para cobrir a rota de passageiros de Southampton para Nova York. Como sabemos, naufragou durante a noite de 14 de abril de 1912. Das 2.223 pessoas que viajavam nele, 1.514 morreram. É considerado um dos maiores naufrágios da história em tempos de paz.

O Museu do Seguro da Fundación MAPFRE conserva entre suas peças uma cópia do Lloyd's Register of Shipping de 1912 e 1913, onde aponta-se o naufrágio do *Titanic*. Lloyd's Register of Shipping era uma sociedade de classificação marítima. Seu nome e origem remonta à uma cafeteria do século XVII, em Londres, que era frequentada por comerciantes, agentes de seguros e armadores, todos unidos pelos seus negócios no setor marítimo. Edward Lloyd, o proprietário, inventou um sistema para trocar informações, escrevendo em uma folha as notícias que recebia.

Vale destacar que, além desta ligação histórica, a Lloyd's Register não possui nenhuma relação com

a agência de seguros Lloyd's of London.

A sociedade publicou o primeiro *Registo de Navios* em 1764 para dar tanto aos agentes quanto aos proprietários uma ideia do estado dos navios que eram assegurados e fretados. Esse registro, com informações dos navios mercantes de mais de 100 toneladas, foi publicado anualmente desde então.

No livro aparece uma breve referência à perda do *Titanic* onde afirma-se que o navio “colidiu com um iceberg e afundou em lat. 41,16 N, long. 50.14 E. em 14 de abril de 1912.”

O naufrágio foi um ponto crucial para a navegação marítima.



Modelo do *Titanic* exibido no Museu de Modelismo Naval Julio Castelo Matrán

O *Titanic* em números

Há quase **100 milhões de resultados** no Google quando pesquisamos pela palavra *Titanic*.

Cerca de **300 livros** em espanhol no banco de dados do ISBN contém a palavra "Titanic" em seu título e **572 livros** da Library of Congress também contém em seu título a mesma palavra.

Há mais de **129 títulos** audiovisuais (filmes, séries e documentários) sobre o *Titanic*, de acordo com a International Movie Data Base, IMDB.

Incontáveis exposições, exposições e mostras de objetos originais.

Várias expedições de pesquisa e resgate de objetos e, finalmente, a construção de **uma réplica** exata do navio, que navegará em 2018 sob o nome de *Titanic II*.

entre 10.000 e 75.000 libras. As seguradoras pagaram o montante integral à White Star Line nos 30 dias seguintes ao incidente. Há também uma extensa documentação sobre o seguro de vida pago aos passageiros e sobre as muitas queixas as quais deram lugar ao incidente. ☒

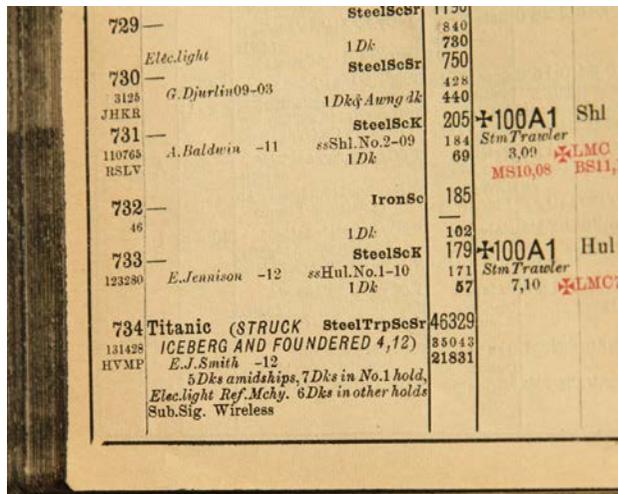
Como resultado da tragédia e em resposta às conclusões do Comitê Mersey (criado para investigar o incidente), o governo britânico iniciou a primeira Conferência Internacional sobre a Segurança da Vida Humana no Mar (Conference on the Safety of Life at Sea (SOLAS). Os participantes desta conferência se reuniram em Londres em 1913 e 1914. Treze nações chegaram a um acordo sobre o uso de muretas estanques e resistentes ao fogo, dispositivos de prevenção e

extinção de incêndios, botes e coletes salva-vidas etc.

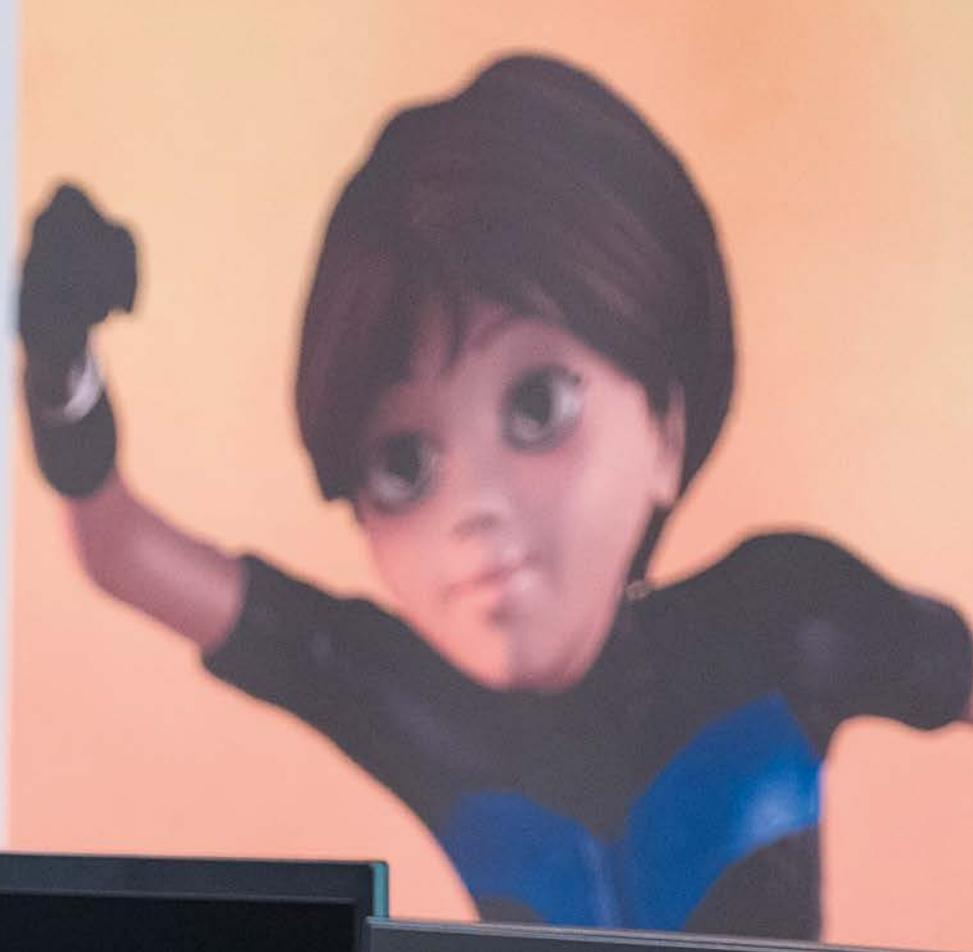
Titanic e o seguro

Em 9 de janeiro, o corretor Willis Faber & Co entrou na sala da Lloyd's para segurar o *Titanic* e seu navio irmão, o *Olympia*, em nome da White Star Line.

A embarcação foi assegurada em um milhão de libras, cerca de 95 milhões de libras atualmente. Inúmeros nomes foram adicionados ao *slip* da Lloyd's, cobrindo montantes que variavam



Fontes:
<https://www.lloyds.com>
<http://www.lrfoundation.org.uk/hec.info@lrfoundation.org.uk>
<http://www.prudential.co.uk>
<http://www.imdb.com/>



O futuro já chegou

TEXTO: RAQUEL VIDALES

A Fundación MAPFRE Guanarteme, que concentra sua área de atividade nas Ilhas Canárias espanholas, está desenvolvendo um programa de empregabilidade para treinar os jovens em novas profissões que, com o avanço do Big Data e da Internet, estão mudando as necessidades do mercado de trabalho. A gestão de dados em várias aplicações, incluindo as audiovisuais, é uma capacidade cada vez mais exigida pelas empresas em suas vagas de emprego.

“Há muito tempo estou procurando um curso como este. Nunca houve nada parecido nas Canárias. E fora daqui, na Península, os poucos que eu vi eram muito caros e não podia pagar por eles”. Essas são as palavras de Yonay Benítez, de 29 anos, um dos 20 alunos selecionados entre os 80 candidatos que, em março passado, se inscreveram para cursar o curso de Animação 3D oferecido na Gran Canaria graças a um acordo de colaboração entre o Cabildo da ilha e a Fundación MAPFRE Guanarteme.

Desde pequeno Yonay tinha claro que queria dedicar-se ao design gráfico e à produção audiovisual, mas nunca teve acesso a uma formação de alto nível nesta área. “Quando eu terminei o colegial eu comeci a trabalhar em todos os tipos de trabalho: operador de máquinas, entregador de supermercado, até que entrei para o Exército. Enquanto isso, durante a noite, eu estudava sozinho em casa o que eu realmente gostava: design gráfico. Pouco a pouco fui aprendendo, montei uma página na web e logo começaram a aparecer alguns trabalhos. Até que um dia fui chamado por uma empresa no Canadá, que me ofereceu um emprego prático. Não pensei duas vezes na hora de aceitar, porque aqui era muito difícil continuar aprendendo e trabalhar neste setor”, lembra.

Isso aconteceu há cinco anos. Depois de uma estadia de quatro anos no Canadá, Yonay decidiu voltar para Gran Canaria no verão passado. Com poucas perspectivas de trabalho, ele passou vários meses

testando o mercado até que chegou aos seus ouvidos que estava sendo organizado um curso de Animação 3D em sua cidade, projetado pelo Centro Universitário de Tecnologia e Arte Digital de Madrid com a colaboração da empresa Anima Kitchent, uma grande produtora hispano-mexicana de conteúdos infantis e juvenis, que atualmente desenvolve a série *Cleo y Cuquín* (a nova versão de *La familia Telerín*). “Eu não podia imaginar nada melhor. Eu aprendi muito, poucas pessoas têm acesso a este tipo de formação altamente especializada. Espero encontrar um trabalho em breve”, diz Yonay.

O sonho de Yonay se tornou possível graças aos programas de formação especializada que estão sendo desenvolvidos pela Sociedade de Promoção Econômica da Gran Canaria em colaboração com a Fundación MAPFRE Guanarteme. A ideia é organizar cursos em setores com elevado potencial de empregabilidade nos próximos anos, em parceria com empresas líderes nestas áreas, visando fomentar um tecido industrial capaz de absorver profissionais formados nestes cursos. É uma maneira infalível de criar empregos de qualidade.

Não há dúvidas de que a produção audiovisual é um setor em plena expansão a este respeito. Dentro deste campo, a animação 3D encontra-se tão em ascensão quanto o cinema ou a televisão e a publicidade, de modo que nos próximos anos serão necessários muitos profissionais com competências

50.000

MILHÕES DE EUROS EM NEGÓCIOS
E MAIS DE SEIS MILHÕES DE
TRABALHADORES NO MERCADO DE
BIG DATA NA EUROPA

Ao redor do Big Data está se desenvolvendo um conjunto de indústrias e profissões que concentrarão grande parte das vagas de emprego nos próximos anos.



muito específicas: animação tridimensional, roteiro, animação facial, interpretação, sincronização de diálogos, poses e ferramentas de trabalho em equipe, além de conhecer os pontos principais dos sistemas de criação utilizados pelas grandes fábricas, como a Disney, Dreamworks ou Blue Sky.

O curso de animação começou em abril e durou 600 horas letivas. No mercado, este curso pode custar até 6.000 euros, mas os selecionados tiveram que pagar apenas 500 (400 caso o estudante estivesse desempregado). A empresa Ánima Kitchent pretende contratar, neste outono, aqueles que apresentem as melhores qualidades para trabalhar nos projetos que estão sendo desenvolvidos pela empresa nesta temporada.

O ouro do século XXI

Diz-se que os dados são o ouro do século XXI. Ou o petróleo. Mas existem diferenças entre estas duas matérias primas; acontece que o valor não está nos dados em si, mas na capacidade de processá-los para tirar conclusões. Por isso as empresas necessitam cada vez

mais especialistas de dados que possam lidar com ferramentas de Big Data (processamento de dados em massa) e *machine learning* (aprendizagem automática). Estas tecnologias foram integradas na rotina diária de muitas empresas e estão mudando a maneira como fazemos negócios.

Assim, outro setor que está crescendo, sem dúvida alguma, é o Big Data. Ou seja, o tratamento de dados em massa para a criação de ações comerciais, para prever comportamentos ou até mesmo falhas nos sistemas e desenvolver estratégias futuras. A maioria das informações que move o mundo hoje em dia é digital e vem em grande número e variedade de fontes. Como armazenar os dados em um mundo de recursos finitos, como processá-los e como obter informações a partir deles? Basicamente, é nisso que consiste o Big Data.

Já existem empresas nas quais a intuição humana é proibida de tomar decisões: se alguém decide realizar alguma ação, deve mostrar os dados que a justifique. Suas decisões, estratégicas e táticas já não dependem das opiniões e

A ideia é organizar cursos em setores com elevado potencial de empregabilidade nos próximos anos, em parceria com empresas líderes nestas áreas. É uma maneira infalível de criar empregos de qualidade

percepções dos chefes, mas baseiam-se principalmente em dados objetivos.

Os dados fornecem à estas empresas informações valiosas sobre como seus clientes se comportam quando vão em suas lojas, como eles respondem aos produtos, quais ofertas chamam atenção, a satisfação com o serviço... Os dados ajudam a entender muito melhor o que os clientes querem, o que eles gostam ou não, e até mesmo o que podem vir a gostar no futuro.

O Big Data também pode ser muito útil no setor dos seguros: por exemplo, para calcular com êxito o valor a ser pago pelos usuários de acordo com a maneira que dirigem, através dos dados obtidos. Nas farmácias, para monitorar em tempo real o efeito dos remédios sobre doenças e avaliar a sua eficácia. No setor bancário, para saber o risco dos mercados em tempo real, baseando-se nos dados de transações e cotações. Nos transportes, para modificar as rotas em tempo real de acordo com os dados sobre o trânsito ou o clima.

Por todas estas razões, o Big Data é a outra grande aposta feita neste ano pelo Cabildo de Gran Canaria e pela Fundación MAPFRE Guanarteme: um curso para formar profissionais de Big Data altamente qualificados, ministrados por especialistas da EOI, uma das principais escolas de negócios da Espanha. Graças ao acordo entre as três instituições, 25 alunos foram selecionados para frequentar este curso que também começou em abril e terminará em novembro, com uma duração de 200 horas letivas. Embora o curso seja avaliado em 7.800 euros por participante, o custo final de cada um é de 360 Euros.

Especialistas estimam que na Europa já existe um mercado de Big Data avaliado em 50.000 milhões de euros e com mais de seis milhões de trabalhadores.

Formando talentos

Matemáticos. Analistas. Engenheiros. Designers gráficos. Estes são alguns dos perfis que estão sendo introduzidos nas empresas que optam pelo processamento de dados como uma ferramenta-chave de gestão. "Não apenas nas empresas privadas, logo também veremos profissionais de Big Data na esfera pública. Os cargos públicos poderão tomar melhores decisões com dados reais, objetivos", diz Raúl García Brink, diretor do Departamento de Desenvolvimento Econômico, Energia e I+D+i do Cabildo de Gran Canaria, o departamento lançou os programas de formação em Big Data e Animação 3D na ilha em parceria com a Fundación MAPFRE Guanarteme.

A alta qualificação necessária para ocupar esses cargos exige uma formação muito específica. "Queríamos oferecer um curso que realmente servisse para exercer estes cargos. Não um módulo, mas uma formação profunda", afirma García Brink. Apenas se formar não basta, também temos de criar um

tecido empresarial para acomodar esses novos profissionais, para que seu talento não acabe emigrando. "É por isso que estamos trabalhando também para que as empresas comecem a introduzir a ferramenta de Big Data. Organizamos eventos e ações para torná-la conhecida, por exemplo, em um setor-chave na Gran Canaria, como o turismo", acrescentou o diretor.

No caso da Animação 3D, o trabalho junto às empresas tem sido feito já há algum tempo. "Recebemos várias propostas de empresas internacionais no setor audiovisual que querem se instalar na ilha, no calor dos incentivos fiscais. Já temos uma, na verdade. E queremos que este ecossistema de empresas que estamos ajudando a criar contrate a mão de obra local. Para isso estamos formando profissionais: para que possam ter uma oportunidade aqui", conclui García Brink.

No mundo, este mercado vai gerar 900.000 postos de trabalho dentro de seis anos e estima-se que as empresas que fazem uso inteligente dos dados aumentam sua produtividade em 8%.

Especialistas também alertam que não devemos temer a transformação digital das empresas: é verdade que muitos empregos serão automatizados, mas isso tem ocorrido de maneira constante ao longo da história, sem afetar as taxas de empregabilidade. Simplesmente, com o tempo, alguns postos se tornarão obsoletos e os cargos serão substituídos por outros que exigem novas capacidades: como o Big Data ou a animação tridimensional. Por isso tem que começar a se preparar. ✕



Detox: moda ou realidade?

TEXTO: ÓSCAR PICAZO
NUTRICIONISTA
FUNDACIÓN MAPFRE

FOTOS: ISTOCK

A moda dos sucos “detox” veio para ficar. A oferta destes produtos é cada vez maior. Mas o que tanto é verdade? Eles realmente podem ajudar na nossa saúde?

Sucos, *smoothies*, shakes e até mesmo dietas agora levam o título de “detox”, ou “desintoxicantes”. Um termo que evoca no consumidor uma sensação de bem-estar que poderia até servir para acalmar uma consciência preocupada com os excessos do verão.

E é cada vez maior o número de estabelecimentos que oferecem este tipo de produtos. É uma moda que, como outras, é importada de países onde estão enraizadas há mais tempo graças, entre outros, ao surgimento

da Internet que, muitas vezes, é capaz de amplificar as mensagens de saúde que nem sempre têm por trás uma base sólida.

O que é um produto detox?

O primeiro ponto que encontramos dificuldade é ao tentar definir um produto “detox”. Para poder fazer tais alegações de saúde, é necessário cumprir com as normativas e é a Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar (EFSA) a responsável por avaliar e regular a eficácia dos suplementos, aditivos e componentes dos alimentos, e de endossar em cada caso, as alegações de propriedades saudáveis (entre as quais se encontra a desintoxicação).

Portanto, dentro da imensa variedade de produtos “detox” encontramos todos os tipos de *smoothies*, sucos ou shakes, geralmente feitos de uma mistura de frutas e/ou verduras, e de

outros componentes chamados de “superalimentos”, que são mais fruto da moda do que de parâmetros objetivos, como o gengibre, a couve, o açaí, etc. Há também programas e dietas para “desintoxicar e purificar” o corpo, de mais complexidade, duração e, claro, de maior custo.

Realmente funcionam?

É verdade que tais componentes são saudáveis. Mas não podemos atribuir a estas misturas de alimentos propriedades que vão além de suas propriedades nutricionais. Não há nada nestes shakes, ou mesmo dietas, que facilitará o organismo a excretar mais toxinas do que em condições normais. É verdade que a deficiência de algumas vitaminas e a baixa ingestão de antioxidantes pode levar a desequilíbrios e um aumento do estresse oxidativo. No entanto, não é necessário recorrer a este tipo de produtos “milagrosos” para alcançar a ingestão adequada de nutrientes. Na verdade, uma dieta baseada principalmente em alimentos crus (o crudívoro) demonstrou-se ter efeitos nocivos para a saúde. Não cozinhar os alimentos dificulta a absorção de nutrientes, mesmo quando batidos ou triturados.

Outro conceito associado aos sucos detox e às dietas crudívoras, é o das enzimas. No entanto, como são proteínas, elas se desnaturalizam e perdem a sua função contra os ácidos.

Sucos “intox”?

Então, se essas bebidas ou dietas, não favorecem a desintoxicação do corpo, quais são seus benefícios afinal?

Podem ser prejudiciais? A resposta parece ser sim. Recentemente, a já mencionada AESA emitiu um relatório no qual se identifica um risco emergente no alto consumo de oxalatos derivados do consumo deste tipo de shakes. Espinafre, couve, e especialmente a beterraba, são alguns dos alimentos que são normalmente incluídos nestas misturas e que contém quantidades elevadas de oxalatos. Um único copo destas bebidas podem conter mais oxalatos do que a quantidade diária recomendada. É mais fácil consumir uma maior quantidade de frutas ou verduras na forma de sucos, que comê-los como um alimento inteiro (desafio que o leitor pode tentar em casa: comer três laranjas inteiras ou beber o suco dessas mesmas três laranjas). Os oxalatos estarão, portanto, concentrados nessa bebida “detox”.

Uma opção saborosa?

Não há dúvida de que a onipresença dessas bebidas detox, em algum momento, nos faça sentir a tentação. Além disso, elas podem ser uma das poucas alternativas saudáveis para serem consumidas em alguns estabelecimentos. Se assim for, se queremos simplesmente desfrutar de uma bebida refrescante com sabor de frutas e um toque de especiarias orientais, que assim seja. Mas não devemos acreditar que o suco vai purificar o nosso corpo dos excessos de verão. Aprender a comer e manter hábitos saudáveis (sem fazer dieta) é o que vai permitir que nossas defesas antioxidantes e nossas vias de desintoxicação estejam com tudo. ✕

Foram identificados riscos associados aos sucos “detox”, como a alta ingestão de oxalatos





Quatro horas e meia para poder agir

TEXTO: CRISTINA BISBAL

O AVC é uma doença cada vez mais comum entre adultos e jovens, que quase todo mundo já ouviu falar. No entanto, poucos saberiam reconhecer seus sintomas logo no início. Julio Agredano, que sofreu um há seis anos, fez da divulgação desta doença e sintomas o seu modo de vida.

«Em 2011, aos 39 anos, me deu um derrame». Esta frase foi retirada da carta de apresentação de Julio Agredano, presidente e fundador da Freno al Ictus, uma associação (no processo de se tornar uma fundação) a qual ele dedica muito do seu tempo e paixão. A razão reside na sua experiência pessoal. «Era o último dia de férias em Astúrias, antes de voltar para Madrid. E eu não sabia identificar os sintomas (perda de força em um dos lados do corpo, tontura, dor de cabeça intensa, perda do equilíbrio), eu pensei que estava cansado. Então fui para a cama. Convenci-me de que o dia seguinte seria mais um dia. E, de fato, o dia seguinte foi mais um dia... pior». Quando amanheceu, ele sofreu um novo infarto, ainda mais forte do que o anterior. Então, esses sintomas não deixaram dúvidas: Julio não podia se mover, não podia falar e um lado de seu rosto estava caído...

Deve-se ter em mente que o tempo de reação para enfrentar um acidente vascular cerebral é pequeno, quatro horas e meia desde que os sintomas se manifestem. «Quando cheguei ao hospital o medicamento mais eficaz para dissolver o trombo (trombólise intravenosa) já não servia. O próximo passo, mais invasivo, seria uma trombectomia mecânica». Esta consiste na inserção de um cateter através da virilha, que localiza e remove o trombo. Esta técnica dura até seis horas e meia... É um período de tempo muito curto. «Já era tarde para tudo

isso». As conseqüências teriam sido muito menores se ele tivesse ido ao hospital ainda na noite anterior.

A razão pela qual Julio não foi ao hospital é a mesma pela qual a maior parte dos pacientes com AVC também não vão: desinformação. Assim afirma Antonio Guzmán Córdoba, Diretor da Fundación MAPFRE para a Promoção da Saúde: «Embora a maior parte da população já tenha ouvido falar em acidente vascular cerebral e muitos de nós conhecermos alguém que já sofreu um, há muita desinformação sobre esta doença. Poucas pessoas sabem quais são os sintomas que servem como alerta para alguém que está sofrendo um derrame.» De fato, como dito por Jaime Masjuan Vallejo, chefe do Departamento de Neurologia do Hospital Universitario Ramón y Cajal, na conferência sobre o AVC, organizada pela Fundación MAPFRE, COFARES e pela Organização Internacional de Gestão do Capital Humano, o mais comum é que o paciente vá para a cama esperando que os sintomas passem sozinhos. Um erro terrível.

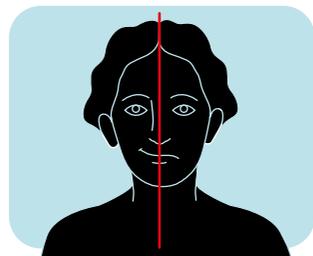
Se a desinformação é o principal problema do acidente vascular cerebral, a primeira coisa que devemos saber é o que é exatamente um derrame. A Federação Espanhola do Acidente Vascular Cerebral define-o como uma doença cerebrovascular causada pela redução ou bloqueio do fluxo sanguíneo. O sangue não chega ao cérebro em quantidade suficiente e, como resultado, as células nervosas não recebem oxigênio e deixam

Fatores de risco

HIPERTENSÃO
COLESTEROL ALTO
OBESIDADE
TABAGISMO
SEDENTARISMO
ÁLCOOL
DIABETES

Saber como reconhecer um acidente vascular cerebral é vital

A primeira coisa a saber se alguém sofre de um acidente vascular cerebral é fazer o teste 'fast', que é pedir ao paciente para fazer alguns gestos simples:



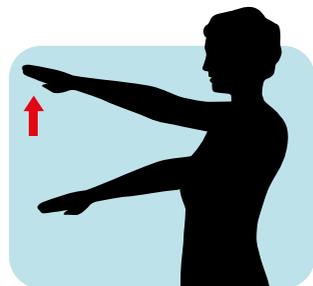
1. Sorrir

Se você suspeita que está sofrendo de um derrame, peça a pessoa afetada para sorrir. O sorriso deve ser simétrico. Um acidente vascular cerebral provoca um sorriso assimétrico no rosto.



3. Falar

Deve pronunciar seu nome ou uma frase simples, mas coerente. Se tiver dificuldade ou não pode falar pode apresentar sintomas de acidente vascular cerebral.



2. Braços

Peça-lhe para levantar os braços com os olhos fechados. Ambos devem subir. Se não consegue levantar um dos braços é outro sinal de alarme.



4. Ação rápida

Ligar para a emergência o mais rápido possível, o telefone é 112. É vital que atuemos o mais rápido possível para que o paciente receba o tratamento adequado o mais rápido possível.

● Tempo de reação



Deve-se ter em mente que o tempo de reação para enfrentar um acidente vascular cerebral é pequeno, quatro horas e meia desde que os sintomas se manifestem.



Como acontece num espaço de tempo muito curto, é importante agir rapidamente. As sequelas são menos graves se os profissionais podem tratar o derrame a tempo.

de funcionar. Esta doença deve ser levada a sério, pois, de acordo com a Sociedade Espanhola de Neurologia, o AVC é a segunda maior causa de morte, a primeira entre as mulheres; e todos os anos afeta a cerca de 130.000 pessoas. Atualmente, mais de 300.000 espanhóis apresentam limitações em sua capacidade funcional, após terem sofrido um acidente vascular cerebral. Uma em cada seis pessoas terá um em sua vida...

Julio teve sorte «apesar de ter feito tudo errado», como dito por ele. Para começar, porque 80% dos acidentes vasculares cerebrais ocorrem devido a causas modificáveis, sobre as quais podemos agir. Em outras palavras, os AVCs são evitáveis se levamos uma vida saudável, tendo uma boa alimentação e praticando exercícios físicos. Mas Julio pesava 103 quilos, levava um estilo de vida sedentário («não praticava exercícios há 10 anos»), sempre comia fora de casa, jantava qualquer coisa, dormia pouco, trabalhava muito... «Fui

gerente comercial de uma empresa de TI e passava ao menos três dias da semana fora de casa. Vivia estressado no trabalho». Provavelmente tudo isso influenciou para que ele sofresse um derrame, apesar de sua idade. De acordo com estudos recentes, aumentou entre 30 e 40% o número de casos de AVC em pessoas com menos de 55 anos. Devemos parar de associar AVCs com idosos...

Então, quando ele saiu do hospital, nada mais foi fácil. «Foi um ano muito complicado de recuperação, com tonturas constantes, problemas em uma perna, que me causam claudicação, sensação de embriaguez contínua, problemas na fala, na coordenação... Imagina: você sai para uma noite de bebedeira e no dia seguinte tem uma tremenda ressaca. Essa ressaca era meu dia-a-dia». Ele não desistiu. Sabia que a única maneira de superar isso era com muita reabilitação. E apostou tudo: «Quatro horas diárias, durante um ano inteiro. E, como a Previdência Social não tinha recursos para cobrir a



Julio Agredano participando da Titan Desert

reabilitação, eu paguei a minha própria reabilitação, 45 euros por hora. Tive a possibilidade de investir minhas economias na minha recuperação, e eu fiz. Porque nem todos os seguros privados cobrem o tratamento de um acidente vascular cerebral. Neste sentido, é importante que as empresas que contratam seguros de saúde para seus empregados incluam a cobertura completa para AVCs, pois é uma condição cada vez mais comum.

Para Julio Agredano está claro que sua boa saúde atual está diretamente relacionada à reabilitação. Mas

A empresa contra o AVC

Antonio Guzmán Córdoba: «As empresas são um forte canal de comunicação para a sociedade e podem desempenhar um papel importante na divulgação dos sintomas de alerta de AVC e como reagir a eles entre seus funcionários». Assim também atua a Freno al Ictus. Portanto, uma das suas linhas de atuação é ir até as grandes empresas para dar palestras sobre o assunto. Os resultados são sempre positivos. Inclusive, Julio Agredano

se emociona ao lembrar que, há algumas semanas, recebeu um e-mail de alguém que assistiu a uma dessas palestras. «Começava dizendo “Olá, bom dia. E é graças a vocês. Meu pai sofreu um derrame há alguns dias e eu soube lidar com a situação, porque eu sabia quais eram os sintomas. Agora ele está em casa, em perfeitas condições”. Essas coisas assim compensam todo o esforço».

também com a sua alta capacidade e atitude pessoal. «Eu me movo através de desafios, metas. E em 2012 estabeleci um objetivo difícil. Vi uma reportagem sobre o Titan Desert, uma prova que consiste em atravessar, de bicicleta e em seis dias, um deserto com 650 quilômetros. Fazia anos que eu não subia em uma bicicleta, mas eu disse à minha esposa: “Eu vou em 2015”. E ela deu risada». Aos poucos foi melhorando com a bicicleta e superando as seqüelas do derrame. Tanto que participou dessa prova – e de muitas outras – em 2015, 2016 e 2017. E, aliás, passou a convidar algumas pessoas famosas para irem com ele e, assim, colocou o nome da Freno al Ictus na boca de muitos. «No primeiro ano levei o toureiro Óscar Hígaes; no segundo, o ator Dani Rovira; na edição mais recente o jogador de basquete Iñiqui de Miguel me acompanhou».

E ele faz isso porque suas prioridades mudaram radicalmente após a doença. Embora ele tenha voltado a trabalhar, veio a parar depois de um tempo. Queria começar uma vida nova com esta nova oportunidade que lhe foi dada: «Para mim, o que me anima durante as manhãs é isto. Isto é o que eu quero: levar meu filho para a escola e ir buscá-lo sempre que possível, praticar esportes, que os cidadãos saibam o que é o acidente vascular cerebral, quais são os sintomas, como agir e o que fazer para que as associações médicas paguem pelo tratamento e as farmacêuticas se envolvam». Agora, esse é o seu caminho. ✕



Menos velocidade, menos mortos

TEXTO: ISABEL PRESTEL



A campanha Slow Down, a qual a Fundación MAPFRE se juntou, insiste que o ato de respeitar ou não os limites de velocidade em áreas com usuários vulneráveis pode marcar a vida de uma pessoa, de uma vítima de acidente. Ana Novella Reig, presidente da Stop Accidentes sabe disso por experiência própria.

Dois dados fundamentais para compreender a importância da campanha das Nações Unidas, Slow Down: em um acidente de trânsito, a gravidade da lesão depende principalmente da velocidade do veículo; sete em cada dez pessoas não respeitam os limites de velocidade em áreas com usuários vulneráveis. É difícil entender até que ponto essas duas afirmações podem marcar a vida de uma pessoa, de uma vítima de acidente. A menos que seja contado em primeira pessoa. Ana Novella Reig conta pra gente.

E ainda se emociona quando conta, apesar de já terem passado quase 16 anos desde então. “Foi no dia 27 de outubro de 2001, um sábado de manhã. Meu marido levou as crianças (Jorge, 9; Pablo, 5) para passear pelo centro da cidade de Valência, onde vivemos. Quando voltavam para casa, eles pararam em um semáforo, esperando o sinal ficar verde. De repente, meu marido escutou um cantar de rodas e viu um carro em alta velocidade vindo em direção à eles, ultrapassando o sinal vermelho. Ele deu um empurrão em nosso filho maior para afastá-lo do perigo; mas só teve tempo de segurar a mão de nosso filho menor. O carro subiu na calçada e atropelou Pablo, arrancou-o das mãos de seu pai e matou-o instantaneamente”. No carro estavam dois rapazes sem habilitação; no volante, um menor de

idade. Mas isso não foi o pior. “Também a mais de 95 km/h em uma via de duas pistas”, conta a presidente e delegada da Comunidad Valenciana de Stop Accidentes, organização sem fins lucrativos que Ana conheceu algum tempo depois de perder seu filho pequeno. “Assim que entrei em contato com eles, percebi que a causa deles era a minha causa. Então decidi me envolver como voluntária”.

Em um acidente de trânsito, a gravidade da lesão depende principalmente da velocidade do veículo

Essa causa não é outra senão conscientizar o público de que a maioria dos acidentes poderiam ter sido evitados. “A sociedade acredita que há um número de mortes por ano devido a acidentes de trânsito; que essas coisas acontecem. Mas nós não devemos nos conformar...” E um dos melhores meios de fazer isso é tão simples como respeitar os limites de velocidade.

Reduzir a velocidade salva vidas
Daí a Save Lives #SlowDown, nome da campanha da

Organização das Nações Unidas (ONU), coordenada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e apoiada pela Fundación MAPFRE com uma intensa campanha nas redes sociais, a qual contou com a colaboração de funcionários do mundo todo. Pois, como indicado no site da ONU, www.unroadsafetyweek.org: “O excesso de velocidade é um dos principais fatores de risco. Quanto maior a velocidade, maior o risco de um acidente e maior a gravidade das consequências. O excesso de velocidade também afeta outros usuários da via pública, como os pedestres e ciclistas. Reduzir a velocidade significa aumentar a segurança”.

Ana Novella Reig sabe, por experiência própria, mas também pelo que vê na associação: “Em cerca de 90% dos acidentes de trânsito, o excesso de velocidade está presente. Embora haja álcool ou drogas, também há o excesso de velocidade, precisamente por causa da euforia que essas substâncias causam nos condutores. Em outros casos, as causas estão relacionadas à distração do motorista. Mas uma distração à uma velocidade controlada ou com excesso de velocidade, pode fazer a diferença entre a vida e a morte”. Simples assim.

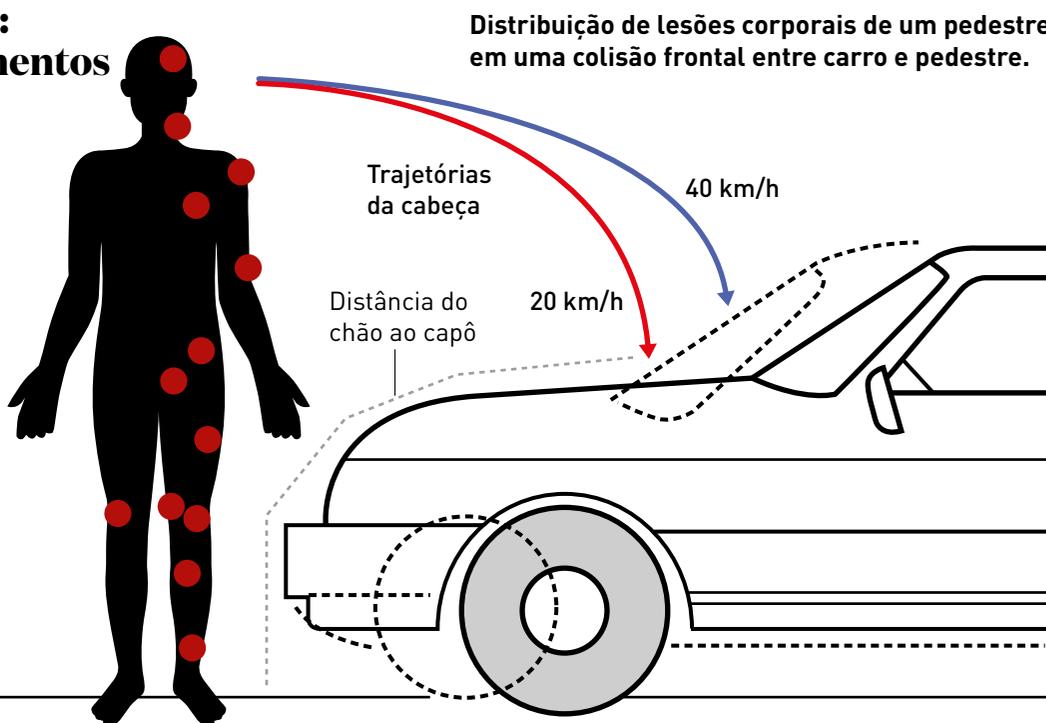
Excesso de velocidade: Acidentes e atropelamentos

Vimos muitas campanhas que chamam a atenção para as consequências do excesso de velocidade. Mas nós realmente sabemos as consequências que tem cada quilômetro por hora que excedemos a velocidade estabelecida? E estamos cientes dos possíveis danos que podemos causar aos outros?

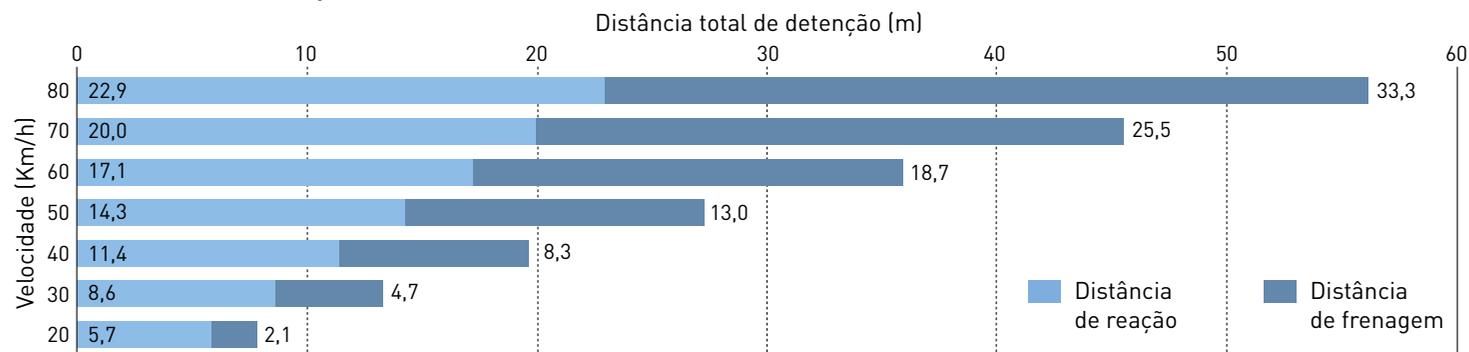
Carro pequeno

Carro grande

● Áreas do corpo feridas



Distâncias totais de detenção na cidade com base na velocidade (de 20 a 80 Km/h).



Fonte: Fundación MAPFRE

Por trás desta conclusão está a física: “Quanto menor a velocidade, menor será a energia cinética (ou de movimento) suportada tanto pelo veículo quanto pelo motorista e passageiros. Portanto, em caso de colisão com um outro veículo ou com um objeto fixo, como uma árvore ou uma parede, menos energia vai ser liberada. Uma parte dessa energia será absorvida pelos objetos envolvidos na colisão, e

a outra parte será absorvida pelo corpo humano, causando ferimentos. O corpo humano é vulnerável e só é capaz de suportar uma certa quantidade de energia, sem sofrer ferimentos graves”, asseguram os especialistas da ONU. Mas também devemos ter em mente que quanto menor a velocidade, menor será a distância percorrida enquanto tomam-se as decisões ou age-se para evitar uma possível colisão: distância

de reação. Da mesma forma, quando se viaja a velocidades mais baixas, o veículo vai precisar de menos tempo para parar durante a frenagem: distância de frenagem. Além disso, quanto maior a velocidade, menor é a visibilidade lateral.

Respeitar as leis é respeitar aos demais

Tudo isto é particularmente importante quando falamos de

“A sociedade acredita que há um número de mortes por ano devido a acidentes de trânsito; que essas coisas acontecem. Mas nós não devemos nos conformar...”

áreas transitadas por usuários vulneráveis, onde o limite de velocidade é geralmente menor do que em outras vias urbanas, devido à fragilidade dos pedestres, especialmente crianças e idosos. No entanto, um estudo apresentado pela Fundación MAPFRE em maio passado garante que os veículos que transitam nestas vias raramente respeitam os limites de velocidade. E quando o *limite máximo de velocidade é menor, o grau em que é excedido é maior.*

Novella Reig acredita que uma das principais razões para esta falta de respeito pelas leis é esta: “Pensamos que somos imunes, nunca pensamos que vai acontecer conosco, porque dirigimos bem. Mas talvez o outro não dirija tão bem assim; ou talvez se distraia”. Por isso na Stop Accidentes insiste-se que “as leis estão aí por alguma razão. Não custa nada ir a 80 km/h. A diferença no tempo de viagem é muito curta e o que importa é chegar”. Ela acrescenta: “Respeitar as leis é respeitar aos demais.”

Isso é dito a partir da perspectiva de alguém que sofreu uma situação verdadeiramente dramática. “Meu filho não estava doente ou atravessou na hora errada, nem estava onde não deveria. Meu filho foi morto. Eventualmente você aprende a viver com esta nova situação que mudou sua vida: tudo o que você tinha se foi. Você pode aprender a viver novamente. Mas superar isso, você não vai superar jamais”. ✕



#SlowDown: uma mensagem universal

TEXTO: PAULA SUSAEТА

TÍNHAMOS UM OBJETIVO:

unirmos e tornarmos parte da campanha de conscientização das Nações Unidas sobre como a adequação da velocidade às ruas e estradas pode salvar vidas.

TÍNHAMOS UM OBJETIVO:

envolver as pessoas que fazem parte da Fundación MAPFRE e da MAPFRE para que compartilhassem as razões pelas quais deve-se reduzir a velocidade.

TÍNHAMOS UMA

ESPERANÇA: fazer com que isso se tornasse algo pessoal.

Esta é uma pequena história do desejo de muitas pessoas ao redor do mundo que se uniram para apoiar uma causa que salva vidas, com o objetivo de alcançar um grande impacto e ser parte de uma mensagem

humana, mas também de uma mensagem útil.

Nós buscamos o envolvimento de todos em diferentes níveis. Cada pessoa tinha que decidir sua razão para pedir pelo controle e pela redução da velocidade. Estas mensagens individuais eram transformadas em

imagens, as imagens em cápsulas de vídeo e essas cápsulas passaram a ser a pedra angular do lançamento e encerramento da semana de campanha nos perfis das redes sociais da MAPFRE e da Fundación MAPFRE. Durante toda a semana, entre ambos os vídeos, foram feitas publicações relevantes e convidou-se, assim como feito pelas Nações Unidas, todas as pessoas a compartilharem suas razões para #Slow-Down.

O objetivo final era conscientizar a sociedade sobre a importância de reduzir a velocidade para prevenir os acidentes de trânsito.

A sensação de ser parte de algo maior, com mais força e alcance, é uma das principais características desta ação. Porque é a viagem que vale sempre a pena e a surpresa, e o melhor sempre está por vir.

FB

FOI A REDE SOCIAL MAIS

UTILIZADA

NA CAMPANHA

24

PAÍSES ENVOLVIDOS

1.100

FOTOGRAFIAS RECEBIDAS



Brasil: amor contra a violência

TEXTO: CANDELA LÓPEZ IMAGENS: FUNDAÇÃO ALBERT EINSTEIN

Para combater a violência não basta investir em segurança. Deve-se fomentar a educação, os esportes, a formação profissional, as artes, os espaços comunitários e, acima de tudo, os laços familiares. O papel das mães é essencial para formar uma sociedade mais civil. Por isso, o projeto Einstein-MAPFRE trabalha com mulheres e crianças na segunda maior favela de São Paulo.

“Agora eu sei que não preciso bater ou gritar com meu filho quando ele me desobedece, devo conversar com ele”, disse uma mãe. “Eu percebi que é importante que o pai se envolva nos cuidados com o bebê”, diz outra. E outro: “Eu mudei minha maneira de me comunicar com meu filho”. Mais resultados: “Eu não sabia ouvir, parar para observar meus filhos e netos”; “Eu agora me coloco no lugar do meu filho”; “Eles me ensinaram o que é um espaço de jogo seguro”; “Os bebês sentem todas as situações que acontecem em torno deles”; “Eu tenho mais confiança, mais paciência”...

Estes são comentários de mães que vivem em Paraisópolis, a segunda maior favela de São Paulo. São os seus pontos de vista depois de participar de uma das oficinas realizadas na comunidade pelo programa Einstein-MAPFRE, resultado de um acordo de colaboração assinado em março passado entre

a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein e a Fundación MAPFRE. Durante um tempo, essas mulheres conviveram com educadores, profissionais da saúde e até mesmo contadores de histórias que as lembraram das fábulas e jogos de sua infância. Elas aprenderam rotinas básicas para o cuidado com a saúde de seus filhos, mas também a importância do vínculo maternal na formação de seus filhos e, ainda, na formação de uma sociedade mais civil.

Ao voltar para as suas casas, essas mães contavam com muito mais recursos para tornar seus lares um espaço mais saudável e seguro. Um ambiente menos suscetível à violência, mais capaz de superar

o estigma da pobreza. Não é fácil viver em Paraisópolis: lá, a taxa de criminalidade é uma das mais altas do mundo. Cerca de 50.000 pessoas moram em barracos que contrastam com a opulência das residências do distrito vizinho do Morumbi, um dos bairros mais ricos de São Paulo.

O projeto Einstein-MAPFRE é desenvolvido em Paraisópolis e em áreas marginalizadas, com uma crença: para reduzir a violência não basta fazer investimentos em segurança; é preciso criar uma estrutura social que elimine o sedimento sobre o qual a violência se assenta. É preciso investir em educação, esportes, atividades para fortalecer as famílias, proteger as crianças, criar comunidades fortes e conscientes de seus direitos e obrigações para com seus vizinhos. Só então é possível criar um substrato social capaz de escapar do ciclo de violência que envolve viver em uma favela.

É especialmente importante considerar o papel das mães e

**50.000 pessoas
vivem nas
mais de
14.000 casas de
Paraisópolis**

cuidadoras para quebrar este ciclo: está provado que, ao reforçar os laços maternos, mudanças positivas e construtivas são produzidas dentro do núcleo familiar, e é mais fácil detectar patologias e situações de risco para os jovens. Por isso elas, mães e cuidadoras, são o principal alvo do projeto Einstein-MAPFRE. Nas oficinas, ensina-se não somente os cuidados básicos que precisam ter para que as crianças cresçam saudáveis (higiene, alimentação), mas também a forma correta de estimular a aprendizagem e o crescimento, tanto físico como psíquico.

O trabalho com as mulheres também é destinado a reduzir a violência que elas mesmas podem sofrer em suas próprias casas. Desenvolvem-se conversas, histórias, vídeos e atividades relacionadas com a violência de gênero, direitos sexuais e atividades de planejamento familiar.

Outra parte importante dos recursos do programa Einstein-MAPFRE são destinados à promoção do empreendedorismo entre as mulheres através de oficinas, avaliação de projetos, formação em gestão de negócios e apoio para o acesso aos mercados de trabalho e ao crédito. Especialistas em criação de empresas acompanham as empresárias para ajudá-las a ter sucesso em sua aventura.

O Hospital Albert Einstein tem experiência neste tipo de projetos em Paraisópolis e em outras áreas próximas que são igualmente marginalizadas, pois desde 1998 desenvolve nestas comunidades atividades relacionadas com a saúde, a educação e o empreendedorismo. E muitas pessoas já foram beneficiadas desde o início dessa atuação em São Paulo, especialmente na área de assistência pediátrica, mas também pelas atividades de articulação

comunitária (esporte, artes, dança, música, teatro, educação de mulheres grávidas e mães) e seus cursos de formação profissional (culinária, corte e costura, manicure, cabeleireira, maquiagem, estética).

Darley Maria Bibiano de Souza, 24 anos, casada e com um filho de seis anos, é um exemplo de como funciona o projeto de apoio às mulheres empreendedoras. “Eu conheci os programas de formação do Einstein em Paraisópolis através de uma amiga que fez um curso de confeitaria. Primeiro entrei para a confeitaria (até então eu não sabia nem fazer um bolo de aniversário para o meu filho). Então, fiz um outro curso de cozinha e outro para aprender a fazer doces e aproveitei ao máximo as aulas. Depois, uma das minhas professoras me contou que havia um curso de culinária muito bom em uma universidade, era difícil de entrar porque haviam apenas 30 vagas e 90 pessoas inscritas. Mas eu consegui entrar, graças a essa professora, Mônica, que me ajudou a acreditar que eu sou capaz de conseguir o que quero”, lembra Darley Maria. Agora, essa jovem trabalha em um restaurante, mas também faz em casa bolos para festas, doces, chocolates, bombons, *pirulitos*, ovos de Páscoa... Embora tenha um novo sonho: “Abrir o meu próprio negócio”, diz.

Em abril passado, após a assinatura do acordo de colaboração Einstein-MAPFRE, a infante Elena de Borbón, diretora de projetos da Fundación MAPFRE e Daniel Restrepo, diretor de Ação Social da Fundación, visitaram Paraisópolis



Está provado que, ao reforçar os laços maternos, mudanças positivas e construtivas são produzidas dentro do núcleo familiar, e é mais fácil detectar patologias e situações de risco para os jovens



A vida nos subúrbios

Mais de 6,5 milhões de brasileiros vivem em assentamentos conhecidos como “favelas”, zonas que começaram a se desenvolver nas grandes cidades do país com a chegada de milhares de pessoas que migravam das zonas rurais ou muito pobres, e que vieram em São Paulo e no Rio de Janeiro uma oportunidade para melhorar suas vidas. Uma vez que não tinham dinheiro para comprar casas ou terrenos, começaram a se estabelecer em áreas próximas às dos bairros ricos, onde costumavam encontrar trabalho, mas era impossível ter uma casa.

Assim, esses imensos aglomerados de barracos foram sendo formados, com carências significativas na infraestrutura básica, nos serviços urbanos e equipamentos sociais. As desvantagens de viver aí compensavam pela proximidade aos empregos e ao comércio. Estima-se que atualmente mais de 6,5 milhões de brasileiros vivem em favelas, o equivalente a 3,6% da população total. O famoso filme

Cidade de Deus, dirigido por Fernando Meirelles em 2002, mostrou ao mundo como as pessoas viviam na favela Cidade de Deus, uma das maiores do Rio de Janeiro, a partir do final dos anos sessenta até o início dos anos oitenta, uma década de grande criminalidade devido ao tráfico de drogas.

Uma história de amor e voluntariado

Tudo começou em uma reunião de amigos em 1955. Naquela noite, um grupo de médicos e empresários judeus se reuniram em São Paulo para ouvir a proposta do Dr. Manoel Tabacow Hidal: fundar um hospital de alto nível, construído e mantido pela comunidade judaica da cidade, como agradecimento à forma como os judeus foram recebidos no Brasil. Um hospital que serviria a todos, sem distinção de raça, cor, credo ou religião. O encontro terminou com o plano aprovado e até mesmo com o nome do futuro hospital escolhido: Albert Einstein. Mas sua intenção era ir além de simplesmente construir um hospital.

Naquela mesma noite, também foram traçados os fundamentos da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein para desenvolver projetos de assistência social.

Construído com recursos oriundos de doações e do trabalho de voluntários, em 1958 teve início a construção do hospital. Na década de 60 alguns departamentos já funcionavam, mas o centro abriu de fato em 1971. A atuação em responsabilidade social também começou naqueles anos, especialmente dedicada aos cuidados na área de pediatria, para cuidar gratuitamente das crianças da região do Morumbi.

Em 1997, o Programa Einstein foi criado na comunidade de Paraisópolis para prestar assistência a 10.000 crianças dessa favela.

Desde então, uma equipe incansável de quinhentos voluntários, homens e mulheres de diferentes idades, classes sociais, religiões e formação profissional, trabalham comprometidos com a missão de ajudar os mais desfavorecidos. Graças a eles, programas como o Einstein-MAPFRE, que promovem o cuidado maternal, a educação infantil e o apoio às mulheres empreendedoras podem ser desenvolvidos.

para divulgar entre seus habitantes as atividades desta iniciativa conjunta, um dos mais importantes projetos de cooperação social que

a entidade espanhola desenvolve na América do Sul. Apenas nos primeiros três meses cerca de 1.000 pessoas foram beneficiadas. ✕



«Se queremos, podemos»

TEXTO E FOTOS: NORMA NAKAMURA CALDERÓN

No início de 2017, o fenômeno meteorológico conhecido como *El Niño Costeiro* trouxe fortes tempestades que causaram o transbordamento de vários rios no Peru. Norma Nakamura Calderón, que há 20 anos faz parte da MAPFRE PERU, onde assumiu recentemente o cargo de Chefe de Assistência Social, participou intensamente nas ações que a Fundación MAPFRE lançou para fornecer suporte aos mais necessitados.

O El Niño Costeiro chegou em março, trazendo fortes tempestades que produziram o transbordamento de diversos rios no Peru. Isso causou inundações e afetou severamente a casas, áreas agrícolas e estradas. Deixou cidades incomunicáveis, escassez de água e alimentos, mortos, feridos e desaparecidos para trás. Declarou-se

estado de emergência no norte do Peru e em diversas áreas da capital.

A Fundación MAPFRE iniciou prontamente os trabalhos, mostrando sua preocupação com os desfavorecidos, sem se importar com a distância, e nos deixou a mensagem «se queremos, podemos». A ação proposta era preparar sacolas com alimentos não perecíveis,

para serem diretamente entregues a cada família afetada.

Eu sempre trabalhei na Unidade de Recursos Humanos e me sinto sortuda, privilegiada e grata por ter crescido nesta unidade que me permite manter uma proximidade constante com todos os colaboradores, conhecer suas alegrias, dificuldades, objetivos, assim como suas projeções pessoais e profissionais. Mas, neste caso, desde o início, a atitude cooperativa dos funcionários e voluntários ultrapassou todas as minhas expectativas.

Incrivelmente, tornamo-nos robôs que foram destinados a preparar 3.727 sacolas. O processo para mim parecia interminável, até que em um ponto conseguimos dizer “missão cumprida!”.

O trabalho em equipe não só lhe permite atingir um objetivo, mas também gera companheirismo. Eu vi e senti isso de perto, e posso dizer que vem acompanhado de um monte de energia positiva e sincera. É o que me transmitiu a ONG CESAL, com a qual o Departamento de Ação Social da Fundação colabora, que nos deu suporte para a entrega das sacolas com comida para as várias áreas afetadas em Huachipa.

A CESAL está localizada a leste da capital, onde realizam um admirável trabalho com crianças e pais. Portanto, coordenamos com eles a distribuição dos pacotes. Eles entraram em contato

com os líderes das comunidades afetadas e nos guiaram para os lugares que deveríamos ir. O trabalho em equipe definitivamente gera bons resultados.

Fomos assim, uma verdadeira equipe, pronta para sair em nossa missão. Nele, também contamos com os meios de transporte: um guindaste cedido pela Unidade de Automóveis e carros de flores da área Funerária. Isso, juntamente com a ajuda da nossa Unidade de Compras e Logística e a força de nossos voluntários, me fez perceber que a MAPFRE é uma força única, um grupo humano que sente e responde a esse apelo para a necessidade dos outros. Senti que era uma aventura missionária, como quando eu fazia pastoral e dizia: «É só uma atitude, nós podemos!»

Devo destacar a cooperação dos cidadãos, que prepararam e levaram comidas para aqueles que perderam tudo ou quase tudo, as unidades móveis de clínicas e médicos voluntários que prestaram apoio. Foram vários dias convivendo com uma dura realidade, vendo a vida de forma diferente. Eu vou embora com o sorriso de inocência, da esperança de ver chegando o tão esperado presente de Natal que talvez muitos não possam ter.

Obrigada por esta experiência, pela oportunidade de voltar ao que uma vez já havia feito, por sentir e compartilhar isso novamente, eu voltarei em breve. ✕



Outra maneira de ajudar

TEXTO: ESTHER RODRÍGUEZ SÁNCHEZ

Um pequeno gesto de grande alcance

Tapones para una nueva vida (Tampinhas para uma nova vida, em tradução literal) nasceu em 2011, quando a Fundación SEUR se juntou à família de Iker, um menino que precisava de uma prótese, na coleta de tampas de plástico para entregar e pagar por uma recicladora. Com um simples gesto, praticado por 13 milhões de pessoas na Espanha, Portugal e Andorra, foi possível ajudar a mais de 130 crianças com problemas de saúde até hoje, com 961,727 euros no total. A Fundación SEUR já levou de suas lojas e pontos de coleta para os pontos de reciclagem mais de 4.300 toneladas de tampas de plástico usadas para ajudar crianças carentes a terem acesso a tratamentos médicos ou próteses ortopédicas necessárias para melhorar a saúde das mesmas. Mais informações em: <http://www.fundacionseur.org/informacion-del-proyecto-tapones-para-una-nueva-vida/>



© iStock



Ajudando desde os dias da Movida Madrilenha

A associação Pato Amarillo nasceu nos anos 80 graças às mães preocupadas com suas crianças tóxicas dependentes no distrito madrilenho de Orcasitas. Atualmente, fornece alimentos e outros produtos indispensáveis a 600 famílias em dificuldades no distrito de Usera, todos os meses. Sob o lema de “dar uma oportunidade para aqueles que não a têm”, colaboram com a Cruz Vermelha, com o Banco de Alimentos e com os Bombeiros, que ajudam a organizar as coletas de alimentos nos supermercados de Madrid e destinam os recursos arrecadados à esta organização, para contribuir com o seu grão de areia na proteção dos mais vulneráveis. A Pato Amarillo é também um projeto que faz parte da campanha #SéSolidario da Fundación MAPFRE. Através do Proyecto Cuenta con Nosotros (Projeto Conte com a Gente), os voluntários da Fundación MAPFRE canalizam doações e produtos de necessidades básicas para que as associações como a Pato Amarillo possam distribuí-las entre os mais necessitados. Mais informações em: https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/donaciones/conoce-los-proyectos/cuenta-con-nosotros/



© iStock

As lágrimas do médico de Lampedusa

Pietro Bartolo é o único médico fixo da pequena ilha italiana de Lampedusa, aonde vem prestando assistência médica aos refugiados há 26 anos. É na Policlínica de Lampedusa onde todos os dias ele recebe e cuida dos refugiados que são resgatados de naufrágios pela Guarda Costeira Italiana.

“Eu não sou apenas o médico que os examina, eu sou a pessoa com quem eles podem dividir o drama que estão vivendo”, explica em seu livro *Lágrimas de sal*, no qual compartilha suas experiências de atendimento aos refugiados durante mais de um quarto de século.

Em uma ilha de apenas 6 quilômetros quadrados, Pietro Bartolo dá um exemplo de solidariedade com seu trabalho, reconhecido em todo o mundo, ao receber os imigrantes.

Ensinando as mulheres mexicanas a lutarem contra o câncer de mama

Todos os anos, mais de 13.000 casos de câncer de mama são diagnosticados no México, dos quais apenas 10% estão em fase inicial. Para informar sobre a importância de um diagnóstico precoce, Alejandra Cima criou a Fundación CIMAB há 15 anos.

Seu trabalho se concentra em aldeias rurais onde, através de conversas gratuitas e oficinas com mulheres, centros de saúde e profissionais de saúde, tenta-se educar sobre a importância do diagnóstico precoce da doença.

Deste modo, a campanha *Favor de tocar* (“Por favor, toque”, em português) treina as mulheres de áreas rurais e marginalizadas do país para promoverem a autoexploração. Eles também distribuem materiais gratuitos sobre hábitos de saúde para a prevenção de doenças. Mais informações em: <http://www.cimab.org/>



Visto na rede

Conheça todas as nossas atividades através de nossas redes sociais. Nesta seção você descobrirá uma seleção dos melhores posts do Facebook, Twitter e Instagram.

f FACEBOOK

@FundaciónMapfre
@fundaciónmaprefcultura
@EducatuMundo
@FMobjetivocero

t TWITTER

@fmapfre
@mapfreFcultura
@EducatuMundo
@FMobjetivocero
@FMculturaCat

ig INSTAGRAM

@maprefcultura

O MELHOR TWEET
@LOfficialArtES
22 jul.

A #expo_retratos revela a emoção de cada personagem.
@LOart em @mapfreFcultura



Concurso “O mundo é belo”



maprefcultura #CONCURSO

A obra editorial mais importante de Albert Renger-Patzsch é intitulada *O mundo é belo* referindo-se a tudo o que nos rodeia, o que o artista chamava de “coisas”.

Queremos que você nos mostre a sua visão das “coisas”,

inspirada pela nossa exposição atual **#rengerpatzsch**: natureza, indústria, séries ou detalhes. Queremos descobrir o seu mundo. Como ele é?

https://www.instagram.com/p/BWc36KbH9_U/?taken-by=maprefcultura&hl=es



Concurso «Al agua patos»

Você já participou de nossas oficinas sobre prevenção de afogamentos? O que aprendeu? Conte-nos pintando uma camiseta. Grandes prêmios esperam por você! Lembre-se de usar a hashtag **#Mójate** e de mencionar a **Fundación MAPFRE**.



Concurso «Al agua patos»- Fundación MAPFRE

Participe da nossa campanha “Prevenção de Afogamentos 2017” que conta com prêmios através do concurso “Al agua patos”. Descubra-o aqui.
FUNDACIONMAPFRE.ORG

<https://www.facebook.com/FundacionMapfre/#>



Fundación MAPFRE

@fmapfre

O que significa para o Dr. Valentín Fuster e para a **@CNIC_CARDIO** receber este prêmio? O próprio Valentín Fuster nos conta. **#PremiosFM2016**



<https://twitter.com/fmapfre/status/872010183169511424>



Fundación MAPFRE

@fmapfre

Ajude-nos a aumentar a conscientização sobre os perigos de mergulhar. Neste verão, **#TírateConCabeza**. **@ASPAYMNACIONAL**



<https://twitter.com/fmapfre/status/882938937551048704>



Fundación MAPFRE

@FMobjetivocero

Não perca as oficinas gratuitas sobre primeiros socorros! Este verão estaremos em mais de 72 praias.
bit.ly/2rgzcxU **#Mójate**

<https://twitter.com/FMobjetivocero/status/874939326211272704>





Proyectos Sociales Internacionales

En Fundación MAPFRE hemos desarrollado en el 2016 **programas sociales** en más de **23 países**. Evelylin es una de las **113.693 personas** que se han beneficiado a través de nuestras líneas de actuación en **educación, nutrición, salud y formación**.
¿Quieres formar parte del futuro de Evelylin?

www.fundacionmapfre.org

F M Fundación **MAPFRE**

Fundación
MAPFRE

www.fundacionmapfre.org

ESP/CONSULTA NUESTRA REVISTA ONLINE
ENU/CHECK OUR ONLINE MAGAZINE
PTB/CONFIRA NOSSA REVISTA ON-LINE
www.fundacionmapfre.org/revistalafundacion

ESP/SUSCRÍBETE A LA EDICIÓN DIGITAL
ENU/SUBSCRIBE TO THE DIGITAL EDITION
PTB/INSCREVER-SE PARA A EDIÇÃO DIGITAL
www.fundacionmapfre.org/suscripciones

